

MARIA ADELAIDE NETO SALVADO

O Colégio de S. Fiel
Centro difusor da Ciência
no interior da Beira

CASTELO BRANCO 2001

Introdução

No início do século XX e, principalmente, depois da implantação da República, acesas e desconstruídas foram as opiniões sobre o valor do ensino ministrado pelos jesuítas no Colégio de S. Fiel, em Louriçal do Campo. Não é propósito das reflexões contidas nesta publicação reacender velhas polémicas, mas tão somente, partindo de alguns dos ecos dessa controvérsia, de testemunhos de antigos alunos, das orientações metodológicas usadas no ensino das Ciências Naturais (contidas num dos números da *Brotéria* e escritas por um professor de S. Fiel), do relatório de uma curiosa observação astronómica e, sobretudo, da avaliação do material didáctico que até nós chegou, descobrir o valor do ensino científico posto em prática no Colégio de S. Fiel.

Com a capacidade de uma valoração mais objectiva, que o fluir do tempo e o distanciamento dos acontecimentos sempre permitem, parece-nos sem sombra de dúvida poder afirmar ter sido o Colégio de S. Fiel, no início do século XX, um importante centro difusor da Ciência no interior da Beira.

Com algumas alterações, a primeira reflexão, intitulada *Meteorologia e História natural – o ensino das Ciências no Colégio de S. Fiel*, foi preparada no ano do Jubileu, para a *Associação Cristo fonte de esperança*, e fez parte de uma pesquisa preparatória relativa ao papel dos museus escolares no ensino das ciências, integrada no grande tema: *a Igreja e a Cultura em Portugal – Museologia e Património*, tema tratado e desenvolvido pelo Professor Doutor Henrique Coutinho Gouveia, da Universidade Nova de Lisboa, que o referido professor apresentou no Colóquio *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, realizado no Porto em Setembro de 2000.

A segunda, com o título *A Astronomia no Colégio de S. Fiel no início do século (O Eclipse total do Sol de 30 de Agosto de 1905)*, foi inicialmente publicada no suplemento "Ideias" do *Jornal do Fundão* e, com algumas alterações, depois apresentada como comunicação às *Jornadas de Astronomia Astrofísica e Astronáutica*, na Associação Académica de Coimbra, em Abril de 1995.

Castelo Branco, Agosto 2001

Meteorologia e História Natural - o ensino das Ciências no Colégio de S. Fiel

O escritor argentino Ernesto Sábato, que foi professor de Física na Sorbonne, numa entrevista dada ao *Correio da Unesco*, onde analisa a crise espiritual que fortemente marca o mundo em que vivemos, escreveu:

“É necessário suscitar a admiração diante dos profundos mistérios do universo(...). Estamos gastos pelo hábito e nada mais nos maravilha. É preciso redescobrir a virtude de saber maravilhar-se”.¹

A parte que na construção dessa crise cabe aos moldes em que se processa o ensino nas escolas e nas universidades do nosso tempo é interpretada pelo escritor e, de certo modo, sintetizada nesta afirmação: “Quando era jovem fizeram-me ingurgitar uma massa de informação que me apressei a esquecer”. E acrescenta: “Aprender para o ser humano é participar, descobrir, inventar...”

1 - Ernesto Sábato, *Correio da Unesco*, Agosto de 1990.

Ora, os princípios que Ernesto Sábato defende como norma para a educação neste final de século (a consciência de que a verdadeira aprendizagem passará pela participação e pela descoberta aliadas a uma perspectiva de um olhar maravilhado sobre o mundo) – foram prática vivida numa instituição de ensino que, no início do século XX, existia na região de Castelo Branco: o Colégio de S. Fiel, localizado em Louriçal do Campo, povoação do sopé da Serra da Gardunha, então ainda coberta de belas matas de castanheiros.

A beleza grandiosa da Serra, a limpidez dos seus céus, a pureza fresca das suas águas, a rudeza cinzenta e agreste das suas penedias, possuíam um tão grande fascínio que a marca dessa multifacetado encanto perdurou na alma dos jovens estudantes de S. Fiel para todo o sempre.

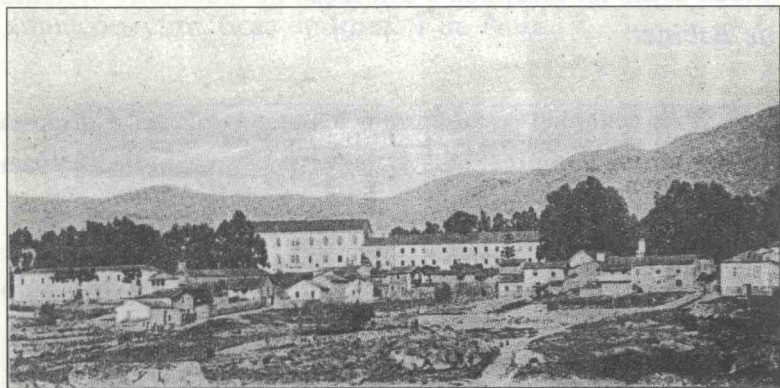
O testemunho de um dos seus antigos alunos, Luís Cabral de Moncada, escrito passado mais de meio século sobre a sua estadia em S. Fiel, é prova concludente dessa realidade. Ao recordar os “recreios passeados de tarde”, entre os meses de Abril a Junho, até às margens do Ocesa, escreveu:

“O encanto supremo do quadro, porém era dado pelos frescos salgueiros, pelo jogo alado das libelinhas (...), pelo colorido impressionante das nuvens bronzeadas da tarde, meio-bronze meio-ouro, como reflexo da constituição geológica, granítica, do solo, como nunca outras conheci em parte alguma do País. (...) A impressão que ficava de tudo isto era daquelas que nunca mais se apagam na memória das recordações do passado e antes, cada vez mais, se avivam na velhice. Era S. Fiel!”²

2 - Luís Cabral de Moncada, *Memórias, Ao Longo de Uma Vida (Pessoas, factos, ideias) 1888-1974*, Lisboa, Editorial Verbo, 1992, p. 40.

Dirigido por padres jesuítas, com um corpo docente esclarecido e de elevado nível científico, no qual se destacou o Pe. José da Silva Tavares (natural de Cardigos, naturalista de renome internacional e autor de uma vasta obra de grande mérito científico no domínio das Ciências da Natureza), o Colégio de S. Fiel tornou-se um polo dinamizador da cultura neste interior beirão e um centro educacional de valor indiscutível.

Em 1902 foi nele instalado um observatório completo de meteorologia cuja inclusão na lista dos observatórios oficiais, à data existentes em Portugal, nos dá a medida do reconhecimento do nível das observações aí realizadas.



1 – Colégio de S. Fiel e Lourical do Campo no início do século XX.

(Foto extraída do livro *Proscritos*, da autoria de L. Gonzaga de Azevedo, S. J., publicado em Bruxelas, em 1914).

A localização do observatório, no alto de um torreão com a altura de 20 metros, conferia-lhe uma boa exposição aos ventos de todos os quadrantes. No entanto, a sua situação ao sul da serra da Gardunha, da qual se distanciava apenas 2 Km, interferia na direcção dos ventos, pelo que

este elemento meteorológico (d direcção e intensidade do vento) possuía características fortemente locais.

O mesmo não acontecia em relação aos outros dados meteorológicos (temperatura, pressão atmosférica, humidade relativa, precipitação, nebulosidade), pois o bom apetrechamento técnico do observatório, aliado ao rigor das observações, permitia informações, na época, de grande importância, valor que a passagem do tempo não apagou, continuando esse valor a possuir relevância para quem se debruce sobre as mutações climáticas do interior da Beira ou queira fazer a história da meteorologia portuguesa.

Acerca do cuidado colocado na recolha dos dados e no rigor dos registos, e apenas a título de exemplo, sirva o modo como foi escolhida a colocação do *Udometro systema de Babinet*:

“Está collocado no jardim em frente ao Collegio, e disposto de modo que os muros mais vizinhos e as árvores não possam exercer influencia notavel”.³

Ou sobre o método utilizado no registo dos dados do *Evaporimetro*:

“Estão dois a funcionar: um dentro do abrigo, e outro fóra, ao sol e à chuva: A leitura faz-se todos os dias ás 9 horas da manhã”.⁴

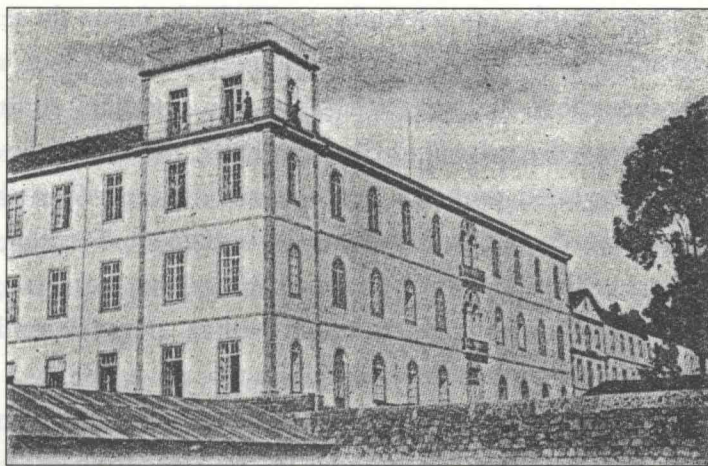
Ou, ainda, acerca da colocação do *Anemometro de Robinson*, usado no registo dos ventos:

3 - “Observatorio Meteorologico do Collegio de S. Fiel”, in *Broteria*, vol. I - 1902, p. 187.

4 - *ibidem*.

"Tem quatro mostradores que indicam os hectometros, Kilometros, myriametros e dezenas de myriametros percorridos pelo vento. As observações porém não se fazem nos mostradores, por estes ficarem a uma altura consideravel. Por esta causa o anemometro está em communição electrica com um chronographo que registra a velocidade do vento num cylindro que dá a volta num dia. A ventoinha do anemometro eleva-se a 4 m sobre o terraço do observatório, dominando assim todos os edificios do Collegio."⁵

O envio mensal de todas as observações para o Observatório Central do Infante D. Luís, em Lisboa, possibilitava um conjunto de importantes dados sobre as condições climáticas do interior da Beira.



2 - Colégio de S. Fiel (1902). No cunhal o observatório meteorológico.
[Foto extraída do livro *Proscritos*, da autoria de L. Gonzaga de Azevedo, S. J., publicado em Bruxelas, em 1914].

5 - *ibidem*.

Virado para o estudo da região cujo levantamento foi metódica e sistematicamente realizado nas áreas das Ciências Naturais, o Colégio de S. Fiel concretizou a ambição e a função duma autêntica instituição de ensino: contribuir para o conhecimento e valorização do espaço geográfico no qual se inseria.

Também em 1902 foi fundada, por iniciativa de Silva Tavares, a revista *Brotéria*, cujo 1.º número se publicou em Outubro, desse mesmo ano, apresentando como subtítulo: "Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel". Um leque variado de assuntos (da meteorologia à física, da arqueologia à química, da divulgação de novas descobertas científicas à divulgação, sobretudo, das investigações no campo da botânica e da zoologia locais) dimensiona a actividade desenvolvida pelo Colégio de S. Fiel.

Deste modo, por exemplo, o estudo da fauna da serra da Estrela, então ainda muito mal conhecida, mereceu aos professores de S. Fiel uma atenção especial. Assim, durante quatro dias do mês de Julho de 1902, Sousa Tavares, conjuntamente com os professores Borges Grainha, Benevenuto de Sousa e J. Pinto, o vigário de Manteigas, J. Rabaça e Tomás Cabral Soares d'Albergaria, percorreu a serra recolhendo informações sobre diversificadas temáticas. A resumida nota publicada no número 1 da *Brotéria* fornece-nos informações preciosas não apenas acerca da classificação sistemática da diversidade de espécies faunísticas (aves, répteis, anfíbios, peixes de água doce, etc.) que no início do século existiam na Estrela, como nela podemos colher outras informações sobre os hábitos e cos-

tumes dessas espécies e, também, conhecer certas práticas de caça então utilizadas.

Lê-se na nota:

“No Cantaro Gordo ha uma penha (*poleiro das aguias* lhe chamam os pastores), que de longe parece branca por causa dos excrementos dos abutres, que nella costumam estar pousados.”⁶

E acerca dos hábitos de caça :

“É interessante como os caçadores matam os patos reaes. Em dezembro, quando tudo está coberto de neve, povoam eles a Lagoa Comprida. Os caçadores postam-se a pequena distancia da lagoa e a bons intervallos uns dos outros. Nisto um d’elles dispara sobre os patos de tál forma que elles levantem vô e se dirijam para o lado onde estão os caçadores, indo cada qual atirando por sua vez.”⁷

Estas práticas de caça foram, de certo, as principais responsáveis pelo actual empobrecimento da serra no que se refere à antiga e variada fauna que outrora a povoava, e que já no século XVI constituiu uma importante fonte de receitas para as populações serranas, como Gil Vicente regista no *Auto Pastoril da Serra da Estrela*.

Mas noutra vertente, que não apenas a instrução científica, se dimensionou a acção desenvolvida pelos jesuítas do Colégio de S. Fiel.

Pela sua acção desbravaram-se terras até aí incultas,

6 - Sousa Tavares, “ Quatro dias na Estrela”, in *Broteria*, vol. I - 1902, p. 179.

7 - *ibidem*.

perfurou-se a serra para se conseguir água de regadio em abundância, plantaram-se árvores (pinheiros, eucaliptos e sobreiros) que amenizaram as condições de um clima destemperado marcado por altas amplitudes térmicas anuais, tentou-se a introdução de espécies exóticas e árvores de fruto, na época pouco comuns nesta região da Beira. E a pequena aldeia do Louriçal do Campo cresceu e aglomerou-se em redor do grande edifício do Colégio. Por todo este conjunto de actividades, pode sem sombra de dúvida considerar-se que a acção desenvolvida pelos jesuítas de S. Fiel, em finais do século passado e inícios do século XX, constituiu factor que despoletou energias, que valorizou recursos endógenos, que contribuiu de modo inquestionável para o desenvolvimento económico e social de uma pequena aldeia do interior da Beira.

Da aceitação da revista do Colégio de S. Fiel no mundo científico da época, fala o número de revistas científicas permutadas com a *Brotéria*: dezanove da América (Estados Unidos, Canadá, Argentina, México, Brasil, Chile) e outras oriundas de quase todos os países da Europa - Suíça (3), Espanha (11), Alemanha (11), Áustria-Hungria (7), Bélgica (3), Dinamarca (1), França (11), Holanda (2), Inglaterra (2), Rússia (2), Suécia (1), Itália (11).

A diversidade temática da revista *Brotéria*, a revista de Ciências Naturais do Colégio de S. Fiel, encontra-se justificada nas palavras com que os seus redactores abrem o primeiro número. Dessas palavras se infere, igualmente, toda a linha norteadora da investigação a que se propunham

os seus fundadores. Aí se lê:

“Sendo nosso intento nesta *Revista* attender a tudo quanto possa contribuir para o adeantamento das sciencias naturaes, não nos limitaremos ao estudo systematico da fauna e da flora, mas procuraremos, quanto couber em nossas forças, tocar noutros ramos de maior alcance na história natural, como são a anatomia e a histologia tanto animais como vegetaes”.⁸

Seria o cumprimento deste último projecto de investigação que transformaria o Colégio de S. Fiel num foco de cultura científica ímpar nos confins da Beira. Aparelhos variados, que a tecnologia da época colocava ao alcance dos cientistas, foram comprados para equipar os laboratórios deste colégio perdido no interior de Portugal.

O gosto e o interesse pelas Ciências Naturais por parte dos jesuítas de S. Fiel seguiam a moda do tempo. O desenvolvimento tecnológico colocara nas mãos do Homem um conjunto de modernos aparelhos que permitia adensar a percepção humana e, deste modo, mais profundamente penetrar nos segredos do mundo que rodeava o Homem.

“A natureza é um livro immenso, que tem ainda muitas folhas por abrir. Ora em todas ellas se encontra escripto o nome augusto do Creador.(...) Desenvolver as sciencias naturaes é pois, como que dar a mão à intelligencia para a ellevar á suprema verdade que é Deus”. – lê-se nas palavras introdutórias do primeiro número da *Brotéria*.⁹

8 - *Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Vol 1º-1902, Lisboa, Papelaria-LA BÉCARRE, 1902.

9 - *ibidem*.

Esta aliança entre uma aguda curiosidade sobre os mistérios do mundo e um profundo sentimento ético e religioso ressalta, por exemplo, numa passagem do artigo de um professor de S. Fiel, C. Zimmermann, publicado no número um da revista. Intitulado "Microscopia Vegetal", nele, a par de pertinentes observações pedagógicas que, apesar do rodar dos anos, não perderam actualidade, e de um rigor científico posto na descrição do funcionamento do microscópio e na preparação dos tecidos a observar, escreveu Zimmermann:

"Grande se revela o Criador do universo nos enormes corpos celestes, e na ordem, disposição e leis com que admiravelmente os regem; mas em formosíssimo contraste com estes no-lo pintam não menos admirável, no numero incalculavel, na variedade de estructura e multiplicidade de fins, todos os seres que a vista alcança, auxiliada pelo microscopio.

Quantas vezes, extasiado e como que arroubado ante as maravilhas que nas minhas preparações o microscopio me patenteava, eu louvei a Deus, tão minucioso, delicado e perfeito em suas obras!".¹⁰

Egas Moniz, prémio Nobel da Medicina, antigo aluno do Colégio de S. Fiel, deixou-nos um curioso depoimento, um "depoimento imparcial" para utilizar a sua própria expressão, acerca do que era a orientação pedagógica desse estabelecimento de ensino.

Escreveu Egas Moniz:

10 - Carlos Zimmermann, "Microscopia vegetal", in *Broteria*, vol.1º - 1902, p. 56.

"No colégio ao lado da exagerada vida religiosa que nos levava tempo e roubava actividade, havia uma boa educação humanista e científica que, só por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis, não era mais perfeita. Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira universitária. A disciplina mental a que obrigavam os alunos, em ciências exactas e afins, era bem orientada. Aos exercícios físicos já dava o Colégio a sua atenção nesses remotos tempos".¹¹

A superioridade dos métodos educativos praticados relativamente aos seguidos pelos estabelecimentos de ensino oficial; o equilíbrio de uma educação que aliava as humanidades à ciência; a prática de uma disciplina que orientava e preparava para a vida futura, são alguns dos aspectos que ressaltam neste testemunho.

Mas é uma outra parte do seu depoimento, em que se especifica a orientação dada a determinadas cadeiras, que se reveste de interesse particular.

Aí se lê:

"O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido; mas eu aproveitei com o ensino que me ministravam na matemática, física, química e ciências biológicas. Davam certo desenvolvimento à parte experimental, o que contrastava com a maior parte do ensino liceal desse tempo. O laboratório de química e o gabinete de física estavam suficientemente apetrechados e o ensino baseava-se em experiências sempre que isso era possível. Apraz-me deixar aqui exarado o meu depoimento imparcial."¹²

11 - Egas Moniz, *A Nossa Casa*, Lisboa, Casa Paulino Ferreira, Filhos Lda, 1950, p. 254.

12 - *ibidem*.

Era pois um ensino experimental, uma "Ciência viva" *avant la lettre*, que os professores do Colégio de S. Fiel praticavam no início do século.

C. Zimmermann deixou-nos num artigo intitulado "Microscopia vegetal" várias considerações a propósito das vantagens do recurso à microscopia no Ensino Secundário. Essas considerações dimensionam as orientações pedagógicas seguidas no ensino da Botânica por este professor do Colégio de S. Fiel.

Assim descreve ele as vantagens de uma observação directa através do microscópio, como meio de despertar o interesse e envolver profundamente os alunos, condição necessária, ontem como hoje, para uma proveitosa aprendizagem:

"Mostrae aos alumnos algumas preparações no microscópio. Veem o que nunca viram nem tinham imaginado, e prorompem em admiração e entusiasmo. Olham, e não se fartam de olhar para os diferentes objectos, fascinados já da elegancia, já da variedade, já da quase geometrica symetria na disposição das partes. Depois vem uma multidão de perguntas, a que é mister satisfazer. (...) Aprendem n'uma hora o que não aprenderiam em muitos dias sem o microscópio."¹³

As palavras, escritas há perto de um século, com que Zimmermann descreve o percurso do aluno na estruturação de um saber fundamentado na observação e afinado na

13 - Carlos Zimmerman, ob. cit. , p. 53.

reflexão sobre o seu objecto de observação, soam com uma pertinente actualidade e valem como indicação de uma prática pedagógica a seguir neste fim de século. Lê-se no seu artigo:

“Olham varios discipulos por sua vez, obrigados a observar um determinado tecido cytologico. As suas observações não concordam. O professor em vez de lhes corrigir imediatamente o erro, obriga-os a novas investigações e novo exame. Sabendo que entre as suas afirmações divergentes so uma pode ser verdadeira, esforçam-se por observar o objecto mais detidamente, porfiando cada um por encontrar a verdade. Assim pouco a pouco se acostuma o discipulo a uma observação minuciosa, que depressa se converte em habito, o que aliás é tambem muito importante para todos os actos da vida.”¹⁴

Discorrendo sobre as vantagens para os jovens da consciencialização do perigo de juízos e de conclusões precipitadas e não reflectidas, conclui C. Zimmermann:

“D’este modo o seu saber vae-se apurando e aperfeiçoando mais e mais, e todo o character adquire uma certa solidez, apanagio da verdadeira sciencia”.

Afirmou Egas Moniz no depoimento acerca das suas vivências em S. Fiel:

“O laboratório de química e o gabinete de física estavam suficientemente apetrechados”.

¹⁴ - Carlos Zimmerman, ob. cit. , p. 55.

As vicissitudes e as mutações ideológicas que o rodar do tempo fez abater sobre o antigo edifício de S. Fiel não nos permitem reconstituir nem a arquitectura dos laboratórios, nem apreender os ritmos de vida que neles se viveram. Mas os instrumentos falam, sem palavras, uma eloquente linguagem. Assim, conjugando a informação do relatório de Ramos Preto da existência em S. Fiel de um aparelho de raios X, com três radiografias de mãos de adolescentes provenientes de S. Fiel e que se encontram no Liceu de Castelo Branco, permitimo-nos as conclusões seguintes.

O interesse pelo estudo das radiações (tema que apaixonou os físicos na viragem do século) despertou cedo neste Colégio de jesuítas das faldas da Guardunha. Foi apenas em 1895 que o alemão Wilhem Conrad Rogton descobre os raios X e a estranha propriedade desses raios poderem atravessar grossos livros de numerosas páginas e impressionarem chapas fotográficas.

Não sabemos de quando data a aquisição do aparelho de raios X existente em S. Fiel. Somente que ele existia no começo do nosso século num colégio português (5, 8 anos depois da descoberta ?), e este facto testemunha por parte dos jesuítas de S. Fiel uma notável actualização científica.

E a existência de três chapas com mãos de adolescentes permite inferir que em S. Fiel se demonstrou ao vivo a experiência de Rogton: a capacidade de os raios X atravessarem o corpo humano e poderem dar uma imagem da estrutura óssea do homem.

Os ventos da República e o destino dos materiais do Colégio de S. Fiel

Talvez a plena consciência de todo o valor do material didáctico existente no Colégio de S. Fiel justifique a conclusão expressa no relatório da comissão encarregada pelo Ministro da Justiça de 1912 de dar parecer sobre o destino do espólio existente no Colégio, no sentido de nenhum desse material sair da região.

Essa comissão, da qual faziam parte o Dr. José Ramos Preto, o director do jornal *Notícias da Beira*, Gastão Corrêa Mendes (que, por motivos pessoais, se afastou), Alfredo Alves da Mota, Francisco Xavier Pereira e Artur Marques de Carvalho, elaborou então um relatório dividido em seis pontos principais onde, de modo evidente, ressalta todo o empenhamento no sentido de os materiais pedagógicos não deixarem a região e ingressarem no então Liceu Central de Castelo Branco.

Lê-se nesse relatório:

"Ex.º Sr. Ministro da Justiça

Ao material escolar existente no extinto colégio de S. Fiel, entendeu a Comissão que deve dar-se uma aplicação imediata e por unanimidade acordou em que esse material escolar fôsse distribuido da seguinte forma:

1.º

Os gabinetes de física, geologia, zoologia e botânica e respectivas colecções serem enviadas para o liceu de Castélo Branco, devendo continuar como guarda, conservador e preparador desses gabinetes Sebastião Antunes, de 32 anos, que pelos seus conhecimentos praticos e aptidões naturais pode prestar optimo serviço, mediante a remuneração de 800 réis por dia.

2.º

Os aparêlhos de radiografia e outros que possam ser utilizados no tratamento de doentes pobres, devem ser entregues ao Hospital da Misericórdia de Castelo Branco.

3.º

Os aparelhos de observação meteorológica devem ser dados á Camara Municipal de Castelo Branco, para que na cidade - e no sitio do Castelo-monte um posto de observação, que será de grande vantagem para o distrito.

4.º

Os livros d'ensino devem ser transferidos para a biblioteca do liceu nacional de Castelo Branco, os livros de sciencia e literatura

para a biblioteca municipal de Castélo Branco, os livros de sciencias teológicas para o Seminário de Sernache do Bomjardim.

5.º

O material da aula de desenho, depois de pelo professor desta cadeira no liceu de Castelo Branco, ser escolhido o que lhe convier, deve ser dado todo á Escola de Habilitação para o Magistério Primário.

6.º

O restante material escolar, como mesas, cadeiras, carteiras, quadros pretos, mapas, etc., deve ser distribuido pelas escólas do concelho de Castélo Branco e d'outros e ainda para as escólas a criar, mediante a reclamação dos respectivos professores, vista e aprovada pelo sr. inspector do circulo e apresentada ao Governo ou á comissão que de melhor grado se prestará a fazer essa distribuição, se o Governo a autorisar e quizer honrá-la com mais essa missão de confiança.

(...)

Saúde e Fraternidade.

Castelo Branco, 22 de Fevereiro de 1911

José Ramos Preto

Alfredo Alves da Mota

Francisco Xavier Pereira

Artur Marques de Carvalho"¹⁵

15 - "O Collegio de S. Fiel e a "Caveira de burro", in *Noticias da Beira* n.º 375, 21 de Janeiro de 1912.

Escrito num tempo de marcada feição anticlerical, o relatório elaborado pelo Dr. José Ramos Preto causou, em alguns pontos, uma onda de protestos nos padres de S. Fiel e em alguns antigos alunos. O conteúdo de uma dessas reacções, da autoria do Padre Cândido Mendes de Azevedo, foi publicada em Madrid, em 1911, sob a forma de livro com o título *Resposta ao Relatório do Sr. José Ramos Preto*. No capítulo intitulado "4.^a Accusação – Má Casa de Educação – Educação litteraria e scientifica", o padre Cândido de Azevedo insurge-se contra a avaliação depreciativa e as considerações tecidas por Ramos Preto sobre a incapacidade dos jesuítas de S. Fiel para ministrarem algumas disciplinas. Havia escrito Ramos Preto:

"O ensino da historia, da philosophia e da litteratura, apesar de ser moldado nos programas officiaes, era errado, deficiente e incompleto"

E, justificando esta apreciação geral, Ramos Preto fundamentara a incapacidade para o ensino da História, da Filosofia e da Literatura com vários argumentos.

Para a História: não servia para a ensinar "quem a escrevia como a que consta dos apontamentos para a História do Padre Malagrida que encontrei entre os papeis que do Colegio de S. Fiel me foram enviados para referir e catalogar"; no respeitante à Literatura foi esta a argumentação: "quem não leu e estudou as obras nacionaes e estrangeiras dos mestres e nem me consta que na

Bibliotheca do Collegio existam essas obras"; quanto à Filosofia: "não a podia ensinar livremente, quem estava exclusivamente embebido na casuística de Suarez e Lainez".

Transcrevendo estes argumentos, o padre Cândido de Azevedo refuta-os um a um, por vezes de modo irónico (como acontece com o argumento apresentado por Ramos Preto acerca da incapacidade de ensino da Filosofia), outras de modo violento, tecendo insinuações graves acerca da idoneidade de Ramos Preto, como acontece na refutação da incapacidade acerca do ensino da Literatura. Começando por afirmar que todas as obras de interesse literário existiam em S. Fiel, umas na biblioteca, outras no quarto do professor da cadeira de literatura, escreveu Cândido de Azevedo:

"Aqui porém o desculpo eu, porque a encontrou vazia... Queria talvez o Sr. Ramos Preto levar *tambem* os livros de literattura em paga da sua commissão gratuita?... Tudo se vem a saber..."¹⁶

Salienta ainda o padre Cândido de Azevedo que as críticas apresentadas pelo Dr. Ramos Preto relativamente à insuficiente preparação dos alunos de S. Fiel nas disciplinas de Literatura, História e Filosofia não eram novas, e remontavam há alguns anos quando vigoravam os programas anteriores à reforma de 1895. Segundo Cândido de Azevedo existia uma profunda desadequação entre os programas dessas três disciplinas e a idade e desenvolvimento intelectual dos alunos aos quais se

16 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 66.

destinavam. Para evitar o fracasso nos exames, os examinadores teriam, pois, segundo Cândido de Azevedo, de adoptar "um justo critério e moderação". Só com esta actuação se "podia equilibrar as creanças, accomodando-se nas exigencias ao desenvolvimento proprio da idade". Tal não acontecia. E para provar a opinião escreveu:

"Com a reforma de 1895 passaram para Coimbra os exames de philosophia e litteratura e não se julgou lá errado, deficiente e incompleto o ensino destas disciplinas no collegio: consta do optimo resultado dos exames".¹⁷

O Dr. Ramos Preto, em artigo publicado no jornal *O Mundo* e transcrito no *Noticias da Beira* de 30 de Julho de 1911, com o título de "Os Jesuitas de S. Fiel", responde à deselegante e venenosa insinuação constante do livro do padre Cândido de Azevedo acerca de o pagamento pelo seu relatório poder ter sido através da *dádiva* dos livros da biblioteca do Colégio. E fá-lo nos seguintes termos:

"As insinuações que faz sobre a minha intervenção no recebimento (que foi feito das mãos do juiz de direito incubido do arrolamento dos livros e papeis da escripturação do extincto Collegio de S. Fiel) nem merecem resposta. Teriam uma: e a publicar as cartas e bilhetes em que diversos padres e professores do Collegio de S. Fiel, me pediam e agradeciam empréstimos de livros de literatura, história, etc, cartas e bilhetes pelos quaes se pode inferir-se que a minha biblioteca, apesar de modesta, mas que no entanto me

17 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 67.

custou muitos cuidados e dinheiro, estava nestes assuntos guarnecida com mais esmerado cuidado. Mas a porcaria não me merece as honras de discussão."¹⁸

Perante opiniões tão desencontradas, que juízos nos são permitidos acerca do real valor do ensino das Humanidades ministrado em S. Fiel no princípio do século XX?

Se tivermos em conta o depoimento de um antigo aluno de S. Fiel, Luís Cabral de Moncada, parece-me possuírem certa pertinência algumas das críticas tecidas por Ramos Preto. No seu livro *Memórias*, Luís Cabral de Moncada, com o distanciamento que a passagem dos anos lhe proporcionou e a sabedoria acumulada ao longo de uma vida rica em acontecimentos e experiências, avalia a formação escolar que recebeu no Colégio de S. Fiel entre os anos de 1900 e 1906, nos seguintes termos:

"No ensino das humanidades, quanto me recordo, abusava-se muito da memória e da fixação de ideias abstratas enfiadas umas nas outras e depois desenroladas segundo uma lógica muito formal e aristotélica. Nas línguas desconhecia-se a vida, a aplicação concreta dos vocábulos e frases a falar (...)."¹⁹

E mais adiante :

"Os mesmos defeitos nos ensinos da História, da Literatura e sobretudo da Filosofia. A primeira era principalmente decorada, com

18 - "Os jesuítas de S. Fiel", in *Notícias da Beira*, 30 de Julho de 1911.

19 - Luís Cabral de Moncada, *ob. cit.*, p. 34.

pequena ligação com os grandes contextos culturais da Europa. Da segunda, pouco acompanhada da leitura de clássicos e modernos, só se sabia o que vinha no Mendes dos Remédios. E, finalmente, a Filosofia era apenas a exposição dogmática de um livro escolástico francês, do jesuíta G. Sortais, onde abundavam só as divisões, as distinções e os parágrafos, numa série infinita de "verdades feitas", sem qualquer largura de vistas nem de história do pensamento filosófico europeu".²⁰

Apesar destas críticas, Cabral de Moncada não deixa, no entanto, de reconhecer em relação à Literatura que, embora o compêndio de Mendes dos Remédios se assemelhasse mais a "um dicionário de nomes literários", foi através dele que ficou a conhecer muitos nomes ilustres da literatura portuguesa e onde, pela primeira vez, se inteiou da existência de "uma crise mental", que tão fortemente abalou a vida portuguesa na segunda metade do século XVIII.

E, relativamente à Filosofia, numa análise mais profunda, especifica que a fragilidade do ensino desta disciplina em S. Fiel não era inteiramente "culpa dos bons padres". Tinha antes a ver como na época era encarada a Psicologia, "considerada como uma ciência filosófica". Lógica, Ética, Estética, Metafísica, Cosmologia, Psicologia, "tudo era considerado e ensinado com o rigor de uma verdadeira ciência, quase dogmática, como conjunto de verdades feitas", escreveu.

E, em relação ao manual usado em S. Fiel, da autoria

20 - Luís Cabral de Moncada, *ob. cit.*, p. 35.

do jesuíta francês Gaston Sortais, reconhece que, embora o afligisse a sua "contextura escolástica, a sua ausência quase total da história", a ele ficou ligado para sempre. Escreveu:

"Todavia eu amei esse compêndio. Foi ele que me chamou a atenção para a existência de muitos problemas do pensamento filosófico de que eu antes nunca suspeitaria. Conservei-o toda a vida e ainda hoje o possuo (...).²¹

Sem qualquer olhar de complacência, fortemente demolidor e cáustico, é a sua avaliação da pedagogia e dos métodos do ensino religioso praticado em S. Fiel. São páginas em que ressalta um ensino moldado pelos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, completamente desadequados alguns deles à idade das crianças; uma visão intolerante em relação a outras sensibilidades religiosas; a ideia de um Deus castigador, materializada nos quadros vivos e coloridos que pendiam das paredes dos corredores do colégio, alguns com cenas dos duros castigos do inferno.

No entanto, acerca do ensino das Ciências outra é a sua avaliação. Assim a expressa:

"Não era assim, porém, no ensino das Ciências. Aqui o ensino era do melhor no curso secundário. Fora a Matemática, em que ele era regular e correcto como em todas as escolas (...), nas restantes ciências, como as físicas e naturais, esse ensino era modelar."²²

21 - Luís Cabral de Moncada, *ob. cit.*, p.p. 47-48.

22 - Luís Cabral de Moncada, *ob. cit.*, p. 35.

E as razões aponta-as com clareza: para além de existirem em S. Fiel vários naturalistas de alta craveira, entre os quais se destacavam o Padre Louisier e o Padre Silva Tavares, fundador da revista *Brotéria*, "o colégio dispunha de laboratório, gabinete de física e museu zoológico, de borboletas e outros insectos e bichos, que eram, segundo voz geral, do melhor que no género havia no País", - como escreveu. Acrescentando:

"Eram notáveis as suas colecções de *zoocecídeas* e *lepidópteros* que a Revolução da República, em 1910, lhes roubou."²³

Mas o que fundamentalmente importa pôr em destaque é o facto de no livro do padre Cândido de Azevedo, e nesse mesmo capítulo intitulado "4.^a Accusação - Má Casa de Educação - Educação litteraria e scientifica", existir uma referência relativa ao destino das colecções científicas do seguinte teor:

"Reclamámos repetidas vezes os nossos livros e collecções como propriedade particular e fructo da nossa actividade individual. Allegámos que essas collecções, incompletas e em estudo, só nós que as fizemos, as podíamos completar e aproveitar scientificamente. Tivemos na imprensa e nas sessões scientificas o apoio dedicado e solidário de todos os collegas naturalistas. E o governo para não passar por anti-scientifico e para ir illudindo os cultores das sciencias, que se empenhavam pela restituição, nomeou uma commissão para estudar o destino que se havia de dar a esses livros e collecções. Mas, quando todos esperavam, como pedia o bom

23 - Luís Cabral de Moncada, *ibidem*.

senso e o mesmo governo fizera para Campolide, que essa comissão fosse formada por especialistas em sciencias naturaes ou ao menos dados a esses estudos, apparece-nos uma comissão em que não ha nenhum naturalista, presidida por um advogado, que nunca tratou de sciencias,... um bacharel em leis,... o Sr. José Ramos Preto.

O escarneo do governo não podia ser mais sarcastico.

A commissão deu o parecer que della e do seu presidente se podia esperar." ²⁴

Mas tal não aconteceu. Apesar da sua "falta de formação científica", compreendeu o Dr. Ramos Preto (que era licenciado em Direito) o valor e o interesse do material e das collecções dos gabinetes de física, geologia, zoologia e botânica. Escreveu ele no seu relatório:

"Em phisica e chimica, tinham os Jesuitas de S. Fiel, sobre o nosso lyceu districtal, a unica vantagem de possuirem um regular gabinete de phisica, um laboratorio chimico e um gabinete de zoologia."²⁵

Comentando esta passagem do relatório de Ramos Preto, escreveu o padre Cândido de Azevedo:

"Não se atreveu o relator a taxar tambem de errado, deficiente e incompleto o ensino das sciencias em S. Fiel. Já é para agradecer! Ainda assim, a unica vantagem que reconhece, é o material do gabinete, laboratorio e museu".²⁶

24 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p.p.69-70.

25 - Relatório de Ramos Preto, p. 26. citado por Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 68.

26 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 68.

No entanto, o padre Cândido de Azevedo coloca um conjunto de questões que nos parecem pertinentes acerca da omissão, no relatório, do trabalho desenvolvido em S. Fiel no âmbito da investigação científica.

Escreveu Cândido de Azevedo:

"E nada diz o Sr. Ramos Preto dos estudos feitos pelos professores em todos os ramos das sciencias naturaes? Não viu, e fez ver muitas vezes aos seus amigos, as collecções botanicas e entomologicas que elles formaram com tantas despesas e suores?

Não leu, pelo menos emquanto foi assignante, nas paginas da «Brotéria» o fructo de seus trabalhos, a exploração scientifica de quase toda a Beira, mas em especial desta sua terra que parece detestar, pelo odio que mostra aos que a estudaram e tornaram conhecida?

(...)

Não lhe mereceu uma palavra de elogio, apesar de a ella se referir, a revista scientifica - Brotéria - que publicavam os professores de S. Fiel auxiliados por outros seus collegas de Campolide e do estrangeiro, não por interesse, pois dela nunca o tiraram, mas pelo desejo de fomentarem o estudo das sciencias em Portugal e de tornarem conhecidas, dentro e fóra da pátria, a nossa fauna e flora tão rica e tão ignorada".²⁷

E para reforçar o valor da investigação científica praticada em S. Fiel, transcreveu o padre Cândido de Azevedo uma carta enviada por um universitário italiano ao director de S. Fiel ao ter conhecimento do encerramento do colégio:

27 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 68-69.

"O Collegio de S. Fiel pela actividade de V. e dos seus collegas tornara-se um centro scientifico de tal ordem que a nova republica não logrará por certo substitui-lo"²⁸

Comentando esta carta, e numa crítica mordaz e impiedosa a Ramos Preto, Cândido de Azevedo afirma:

"Não certamente, nem nisso pensou. Nem sequer sabe aproveitar para a sciencia o espolio scientifico, que os Jesuitas deixaram accumulado em S. Fiel".²⁹

Tal não aconteceu, no entanto. Ramos Preto soube plenamente avaliar o valor científico do espólio de S. Fiel.

Pena foi que no seu relatório, do mesmo modo que apontou críticas pertinentes ao ensino das Humanidades, não tivesse também reconhecido o valor do ensino nas áreas das Ciências. Mas outra foi a sua postura em relação aos materiais científicos.

Muito possivelmente, a plena consciência do valor e o reconhecimento da importância dos materiais dos gabinetes de S. Fiel, para o desenvolvimento e formação científica dos jovens de uma região tão carente como era a Beira na época, alicerçou a proposta feita por Ramos Preto relativamente à entrada no Liceu Distrital de todo o material usado pelos jesuítas no ensino das ciências.

28 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 69.

29 - *Ibidem.*

No contudo, a despeito da nomeação da Comissão regional chefiada por Ramos Preto, o Governo terá decidido instituir a Universidade de Coimbra como depositária de uma parte desse espólio de S. Fiel.

E, na sequência de uma notícia publicada no jornal *Capital* de 15 de Janeiro de 1912 que referia a resolução do Governo no sentido de se confiarem à guarda da Universidade de Coimbra as colecções de História Natural e os aparelhos que haviam pertencido ao antigo Colégio de S. Fiel, um dos membros da comissão nomeada para elaborar o parecer acerca do destino do espólio, concretamente o Dr. José Ramos Preto, envia ao Presidente da "comissão jurisdicional administradora dos bens das extintas congregações religiosas" uma carta em que sugere a repartição de todo o espólio por diversas instituições da região de Castelo Branco. Na verdade, em carta escrita no Lourçal do Campo a 16 de Janeiro de 1912, José Ramos Preto fundamenta a sua opinião em seis pontos, cujo articulado segue de perto as conclusões do relatório que havia sido elaborado pela Comissão encarregada pelo Ministro da Justiça de emitir o parecer acerca do destino do espólio. São estes os pontos principais dessa carta:

"Ex.º Sr. Presidente e mais dignos membros da comissão jurisdicional administradora dos bens das extintas congregações religiosas:

(...)

Evidentemente que a superior competencia de V. Ex.^a melhor sabe providenciar sobre assuntos de tanta ponderação, mas,

no entanto, permitam-me que a título de explicação lhes exponha o seguinte:

“1.º – Que a transferência para a Universidade de Coimbra, das colecções e aparelhos de física é dispendiosa, sem que traga qualquer vantagem para ninguém, visto que em Coimbra existem já melhores e notáveis colecções de zoologia e aparelhos de física.

2.º – Que o tratamento e guarda dessas colecções e aparelhos estão perfeitamente confiados à guarda do empregado Sebastião Antunes.

3.º – Que havendo em Castelo Branco um liceu central absolutamente desprovido de gabinete de física e de história natural, a este liceu deviam ser confiados os aparelhos de física e colecções de história natural

4.º – Que à biblioteca do mesmo liceu devem ser confiados livros existentes na biblioteca do extinto colégio de S. Fiel.

Compreendem V. Ex.^{as} que neste distrito seria recebida com grande contentamento tal resolução, tão justa como sensata, sem que se torne necessária da minha parte encarecer-lhe o alcance. Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.^{as} os pedidos que por diversos professores, parocos, comissões paroquiais administrativas e Misericórdias fôram enviados á comissão encarregada de dar parecer sobre a aplicação e destino do mobiliário e material escolar existente no extinto colégio de S. Fiel. Muito agradecerei a V. Ex.^{as} o favor de acusarem a recepção deste e dos documentos que o acompanham.

Saúde e Fraternidade.

Castelo Branco-Louriçal do Campo, 16 de Janeiro de 1912

José Ramos Preto”.³⁰

30 - “O Colégio de S. Fiel e a «caveira de burro”, in *Notícias da Beira*, nº 375, 12 de Janeiro de 1912.

A 3 de Março de 1912, uma notícia publicada no jornal *Noticias da Beira*, com o titulo "O antigo colégio de S. Fiel", começa deste modo:

"Dizem os jornais de Lisboa:

Foi apresentado o relatório da vistoria à propriedade de S. Fiel, em Castelo Branco."

E no desenvolvimento da notícia se refere que as propostas de rentabilização das propriedades e do espólio do Colégio de S. Fiel elaboradas pelo juiz de direito Afonso Melo, encarregado da vistoria e do estudo das condições da sua administração, iriam ser "sem demora postas em prática".

E acrescenta:

"Segundo nos consta, além do arrendamento de alguns prédios rústicos de S. Fiel, vae dar-se destino ás valiosas colecções botanicas e zoologicas que se encontram no colégio, e cujo tratamento tem estado confiado a um empregado. Parece que uma grande parte das colecções será confiada à Universidade de Coimbra para fazer parte dos seus museus de estudos superiores."

A notícia termina com uma repetida interrogação que, em si, encerra todo o desencanto e todo o questionamento pela saída de um importante espólio, para a região conseguido e que na região deveria ficar:

“E então cá para o distrito?!!

E então cá para o distrito?!!”

Apesar da decisão assumida, é de presumir que o Governo terá compreendido o alcance político da proposta de José Ramos Preto, constante da sua carta de 12 de Janeiro, considerando que uma parte, ainda significativa, do material pedagógico do extinto Colégio dos jesuítas de Louriçal do Campo permaneceria na região de Castelo Branco, e que seria o seu Liceu Central o grande herdeiro do magnífico espólio de S. Fiel, inclusivamente do material de meteorologia que a Comissão havia proposto que fosse entregue à Câmara Municipal de Castelo Branco.

Com o título “Liceu de Castello Branco”, o Jornal *A Pátria Nova* (afecto ao Partido Republicano Evolucionista) de 25 de Abril de 1912 noticia deste modo a entrada do espólio de S. Fiel no Liceu de Castelo Branco:

“Está já feita a distribuição do material de estudo que existia no colégio de S. Fiel.

Para o Liceu de Castello Branco vem todo o laboratorio quimico, uma grande parte das maquinas e aparelhos para o estudo da fisica e avultado numero de exemplares de zoologia, e botanica. Vem tambem a colecção de mineraes, o material completo do oservatório meteorológico, mapas, globos e aparelhos para o estudo da Geografia, e ainda uma porção importante de livros”.

E, no número publicado a 9 de Maio desse mesmo ano, num artigo intitulado “Coisas várias”, num tom de

irónica bricandeira lê-se:

“Já deram entrada no liceu d'esta cidade as colecções de física e química e uma parte da colecção zoológica que pertenceram a S. Fiel.

A rapaziada não se farta de observar a bicharia, onde veem exemplares muito curiosos. Consta porém que lavra grande descontentamento entre os rapazes, por virem entre os objectos duas formosas rapozas. Fazem grossa berraria, que não querem rapozas no lyceu, e teem razão. Rapozas n'esta altura, a dois passos do fim do amo lectivo, é fosforico e altamente embirrativo.”

No segundo inventário de material utilizado para o ensino de geografia e história no então chamado Liceu Central de Nuno Álvares, datado de 31 de Julho de 1927 e elaborado pelo director do respectivo Gabinete, Dr. João Eloy Nunes Cardoso, professor efectivo do 5.º grupo, se dá conta da proveniência de todo o material na época existente. A maioria foi proveniente do Colégio de S. Fiel.

Nesse inventário, escreveu o Dr. Eloy Cardoso a página 7:

“Diapositivos para o ensino da geografia, geologia e arqueologia, etc. - 200 (diversos, S. Fiel roubados)”.

Esta observação do Dr. Eloy Cardoso permite-nos concluir que nem todo o material caiu em boas mãos, seguindo o destino que as autoridades da época determinaram, isto é, colocando-o no Liceu Central ao serviço da educação dos jovens da Beira. A mesquinha cobiça falou mais alto.

MATERIAL DE S. FIEL entrado no LICEU CENTRAL DE NUNO ÁLVARES

(2.º Inventário de material para o Ensino de Geografia e História, do Liceu Central de Nuno Álvares, datado de 31 de Julho de 1927, elaborado pelo director do gabinete. Dr. João Eloy Nunes Cardoso, professor efectivo do 5.º grupo)

Gabinete de Geografia e História

Meteorologia

"Instrumentos, quadros, tabelas e diversos:

- Barómetro de Fortin, corrigido, suspensão e estojo para transporte.
- Barografo Richard, 8 dias.
- Termógrafo Richard, corrigido.
- Psicografo Richard, corrigido.
- Registador de trovoadas, Aparelho sem valor científico. Abandonado.
- Heliografo pordassi e tina.
- Actenómetro Negretti e tramba (2 termómetros).
- Evaporómetro de Piche.
- Termómetro de máxima Negretti Zamba.
- Termómetro de máxima Ribeiro, Lisboa.
- Termómetro de irradiação nocturna e espelho parabólico.
- Termómetro de reserva.
- Psicrómetro de reserva.
- Pluviómetro de zinco (inutilizado).

- Evaporómetro de reserva (2).
- Etágères para os registadores (seis).
- Tabelas psicométricas e tensão de vapor um quadro de zinco.
- Quadro com quocientes para a velocidade horária do vento.
- Quadros (dois) com sinais convencionais.
- Quadros ozonométrico e ozonometro.
- Quadros com aspectos de eclipses. Encaixilhados.
- Ventoíinha vulgar e quadrante.
- Estampas com os tipos de nuvens, encaixilhados. São estampas pertencentes ao atlas de nuvens de Hildbrandon, registado na Biblioteca.
- Quadros ozométrico e ozonometro.
- Quadros com aspectos de eclipses. Encaixilhados.
- Ventoinha vulgar e quadrante.
- Anomografo proveniente de S. Fiel foi para o observatóri do Infante D. Luís.
- Termómetro de radiação solar (exposição máxima Negretti Zambra. Proveniente de S. Fiel. Foi há um tempo p.^a Lisboa p.^a substituir.

Geografia

Esferas:

- Esfera terrestre lisa, circunferência 0,75. Meridiano de latão e horizonte de madeira. Shotte. Berlim.

Cartas e Plantas:

- Planisfério físico, falante 1/7.500.000 Colin, Paris.
- Planisfério físico, mudo 1/7.500.000 Colin, Paris.
- Planiglobo ocidental político. Kiepert. Koeler, Leipsig.
- Planiglobo oriental político. Kiepert. Koeler, Leipsig.
- Carta da Europa física, falante 1/5.000.000, Colin, Paris.
- Carta da Europa física, muda 1/5.000.000, Colin, Paris.
- Carta Ásia física, falante 1/12.500.000, Colin, Paris.
- Carta Ásia física, muda 1/12.500.000, Colin, Paris.
- Carta África física, falante 1/10.000.000, Colin, Paris.
- Carta África física, muda 1/10.000.000, Colin, Paris.
- Carta das Américas, falante 1/16.500.000, Colin, Paris.
- Carta África das Américas, muda 1/16.500.000, Colin, Paris.
- Carta da Oceania, falante, n.º 21 de Col. Vidal Lablache.
- Carta da Oceania, muda, n.º 21 de Col. Vidal Lablache.
- Carta da França física 1/1.100.000 n.º 4 Col. Vidal Lablache
Colin, Paris.
- Carta política da Europa. 1/4.000.000 Kupert. Koeler, Leipzig.
- Carta política da Asia 1/8.000.000 Kupert. Koeler, Leipzig.
- Carta política da Africa 1/8.000.000 Kupert. Koeler, Leipzig.
- Carta política da América do Norte 1/8.000.000 Kupert. Koeler,
Leipzig.
- Carta política da América do Sul 1/8.000.000 Kupert. Koeler,
Leipzig.
- Carta política da Austrália e Polinésia 1/12.000.000 Kupert. Koeler,
Leipzig.
- Carta política da Europa, falante 1/3.500.000 n.º13 Col. Vidal
Lablache.

- Carta política da Europa, muda 1/3.500.000.
- Carta política da Ásia, falante 1/12.000.000 n.º 15.
- Carta política da Ásia, muda 1/12.000.000 n.º 15.
- Carta política da África falante, 1/10.000.000 n.º 17.
- Carta política da África, muda 1/10.000.000 n.º 17.
- Carta política da América do Norte, falante 1/8.500.000 n.º 19.
- Carta política da América do Norte, muda 1/8.500.000 n.º 19.
- Carta política da América do Sul, falante 1/9.000.000 n.º 20.
- Carta política da América do Sul, muda 1/9.000.000 n.º 20.
- Carta política da França, falante 1/100.000 n.º 21 da Col. Vidal de Lablache.
- Carta política da França, muda 1/100.000.
- Carta económica de Portugal e Espanha, 1/1.200.000 (2 exemplares).
- Carta económica das Ilhas Britânicas, 1/100.000.
- Carta económica da Itália, 1/200.000.
- Carta económica da Suíça, 1/350.000.
- Carta económica da Bélgica, 1/250.000.
- Carta económica da Holanda, 1/300.000.
- Carta do Oriente Estudos dos Hebreus.
- Carta da Palestina do tempo de Jesus (2).
- Carta da Rússia 1/3.400.000.
- Carta da Alemanha 1/1.100.000.
- Carta da Austria-Hungria 1/1.250.000.
- Carta da Península dos Balcãs 1/200.000.
- Carta da Grécia e Arquipélago 1/750.000.
- Carta do Mundo Antigo - Kiepert - Leipzig (2).
- Carta do Império Persa e Macedónia - Kiepert - Leipzig.
- Carta da Antiga Asia Menor - Kiepert - Leipzig.

- Carta da Palestina - Kiepert - Leipzig.
- Carta da Grécia Antiga - Kiepert - Leipzig (2).
- Carta da Itália Antiga - Kiepert - Leipzig (2).
- Carta do Império Romano - Kiepert - Leipzig.

Plantas:

- Planta de Londres, Bacon, Londres.
- Planta e guia de Bruxelas - Berqueman.
- Planta e guia ilustrada do Porto. Sequeira cia moniz e Magalhães. Porto.
- Planta nova de Paris. E. Guerin, Paris.
- Planta de Berlim. Straube.

ATLAS (Catalogados na Biblioteca) 1927:

- Atlas escolar português - Luddeck Justus Perthes -Gotha - 1897.
- Corografia de Portugal. Atlas e texto - de Ferreira Deusdado. G. Aillaud e C.^a, Lisboa.
- Atlas das possessões portuguesas. A. Oliveira 1892. Ferreira Machado edit. Lisboa.
- Atlas escolar de Debes. Edit. Wagner & Debes, Leipzig. Hugnes, 1871, Londres.
- Novo atlas de geografia antiga da idade média e moderna. Cortambert Hachette, Paris.
- Atlas pequeno escolar. Kieppert D. Reimer, Berlim.
- Atlas de geografia física de Philip's. Hugnes 1871 Londres.

- O globo terrestre ilustrado. Atlas, texto e figuras. Cortamhert 1882.
- Atlas das missões católicas Wermer paris 1886.
- Atlas geográfico para o estudo da história universal da igreja católica de Rohrbacher. Dupour 1870. Gaume Frères & Duprey. Paris.
- Atlas metódico escolar de Sydow-Wagner - 1895. 6.^a edição J. Perthes Gotha.
- Atlas universal e clássico de geografia. Drioux e Leroy 1875. Belin. Paris.
- Novo atlas universal de história e geografia antiga, medieval e moderna por Azevedo May Edit. J. Aillaud & C.^a Lisboa.
- Atlas colonial português edição reduzida. 1909.

Esferas:

- Esfera terrestre, lisa, Circunferência 0,75 Meridiano de latão - horizonte de madeira. Schotte. Berlim.

Cosmografia e topografia:

Esfera:

- Esfera celeste desmontável, sistema Mang. Armilar e horizonte de ferro. Acessórios conforme instruções impressas junto deste inventário.

Cartas:

- Disco estelar em cartão ou planisfério celeste norte, para a latitude média da Europa. Movel. Berlim.

- *Aparelhos e diversos:*

- Telurio com movimento de relojoaria. IKelmer, Paris.
- Astrolábio de latão, com estojo, diâmetro 0,155. Fabrico inglês.
- Cadernos (15) para exercícios de cartografia F. J. C. Cartas mudas para completar e reproduzir. Catalogadas na Biblioteca.
- Grupo oxi-acetilénico, composto de dois geradores e dum projector. (na Física).
- Lanterna de projecções, sem condensador e suporte e diversos chassis, (Molteni) (não está).
- Ecran de pano, inteiriço, 3,95X 4,10, duas reguas de madeira e cordas.
- Vistas de Roma - catalogadas na biblioteca.
- Museu industrial escolar - Matérias primas e artefactos, Delagrave, Paris. (Muito danificado e incompleto) (no arquivo).
- Suportes (2) de madeira e ferro, para suspensão dos cartões da C. V. L. (nas aulas).
- Fotografias das ruínas de Pompeia, um album (12).
- Europa do século XIV Leprumer-Berlim.
- Europa do tempo da Reforma Leprumer-Berlim.
- Europa desde a Guerra dos 30 anos a 1700 Leprumer-Berlim.
- Europa desde 1700 a 1789 Leprumer-Berlim.
- Europa desde 1789 a 1815 Leprumer-Berlim.

História:

- Carta do mundo antigo. Kiepert Edit. Koeler Leipsig (2 exemplares)
E no inventário do Dr. Eloy Cardoso existe esta nota:

BIBLIOTECA - "Volumes não catalogados existentes no arquivo - 864 Provenientes do **Colégio de S. Fiel**, Convento de Santo António dos Capuchos, da Sertã e Mitra de Castelo Branco".

Laboratório de Física e Química

Relativamente ao material actualmente existente no Laboratório de física da Escola Secundária de Nuno Álvares, não existe nenhum inventário antigo onde se especifique qual o material proveniente do antigo Colégio de S. Fiel como aconteceu com o do Gabinete de geografia e história, elaborado pelo Dr. Eloy Cardoso.

O inventário do Gabinete de Física mais antigo data de Fevereiro de 1928. No entanto, existe um catalogo francês "Les Fils D' Émile Deyrolle" de 1911 profusamente ilustrado. Muitos dos aparelhos antigos, que constam do inventário de 1928, encontram-se nesse catálogo Francês. Ora, como sabemos que em 1911 não possuía o antigo Liceu de Castelo Branco nenhum Laboratório de Física, é de presumir que os velhos aparelhos existentes actualmente na Escola Secundária de Nuno Álvares que constam desse catálogo tivessem vindo de S. Fiel .

São eles os seguintes:

Mecânica e Gravidade:

- Quadro com Pêndulo de Foucault.
- 2 Tubos de Newton.
- 2 Martelos de água.
- Um pequeno sarilho para mostrar a elasticidade das molas.
- Máquina de Atwood.
- 2 Metronomo.
- 2 Balanças de precisão.
- Grua girante com corredeira. (??)
- Alavanca de S. Gravesande ou alavanca suspensa. (??)

Hidrostática:

- Areómetro de Nicholson.
- Areómetro de Fahrenheit.
- Duplo cilindro oco e maciço para a verificação do Princípio de Arquimedes.
- 2 Ludions.
- Aparelho de Haldete ou aparelho de Pascal.

Gazes:

- Hemisfério de Magdeburgo.
- Higrómetro de cabelo.
- Prensa hidráulica (modelo de vidro).
- Bomba aspirante - premente.
- Bomba aspirante elevatória.
- Fonte de *Hirão* ou Fonte de vácuo.

Instrumentos de precisão:

- 1 Catetómetro.
- 3 Palmer.

Calor:

- Aparelho para a experiência de Hoppe.
- Ebulidor de Franklin.
- Tubo de Natterev com anidrido carbónico.
- Espelhos conjugados ou ardentes.
- Aparelho de Ingenhous.
- Quadro esquemático com partes metálicas para mostrar o funcionamento da máquina a vapor.
- Termómetro de Leslie.
- Anel de S. Gravezande.

Óptica:

- Espelho plano em latão.

Electricidade:

- Voltâmetro de Hofman.
- Bobine de Runkorff.
- Electroímã de "fer-à-cheval".
- Anel de Gramme (modelo de cartão).
- Bobine de Ruhmkorff com corrediça.
- Bancos isoladores (2).
- Esfera oca.
- Condutor isolado de forma ovoide.
- Torniquete eléctrico.
- Cilindro condutor isolado com pêndulos.

- Garrafa de Leyden.
- Ovo eléctrico.
- Tubo coroscante.
- Radiografias (3).
- Carrilhão electrostático.
- Galvanómetro de Nobili.
- Bússola de tangentes.
- Bússola de declinação/ inclinação.
- Conjunto para o estudo da corrente de Foucault.
- Balança de Coulomb.
- Galvanómetro.
- Máquina de Wimdsh.
- Pequeno motor eléctrico.
- Duplo cone ascendente.
- Esferómetro.
- Gonómetro.
- Pilhas de Leclanché.
- Disco de pilha de Volta.
- Coupe pomme.
- Psicómetro de Augustus.
- Vaso de Tântalo.
- Termoscópio de Looser.

(Na identificação destes materiais, preciosa ajuda nos foi prestada pelas Dr.^{as} Fernanda Barata e Isabel Roque Vila Franca).

Laboratório de Ciências e Museu de História Natural

Igualmente é de presumir que todo o material antigo que se encontra em depósito no Museu Académico de

Castelo Branco e pertencente ao Liceu de Castelo Branco tenha a sua proveniência em S. Fiel.

Como acontece com os inventários do Gabinete de Física, também não existe qualquer inventário antigo do Gabinete de ciências da natureza que taxativamente mencione a proveniência do seu rico e variado acervo. O mais antigo inventário data de 1946, ano da inauguração do actual edifício onde passou a funcionar o Liceu de Nuno Álvares de Castelo Branco (actual Escola Secundária de Nuno Álvares). Nesse ano, todo o espólio foi transferido do velho Liceu, que funcionava no antigo Paço Episcopal (actual Museu de Francisco Tavares Proença Júnior), tendo sido elaborado um inventário nominal de todo o espólio de Ciências da Natureza. No entanto, quanto à proveniência de cada elemento apenas duas referências aí se encontram: "doados pelo Governo da Nação" ou "Veio do Liceu velho" / "Veio do edifício velho".

O mesmo tipo de inferência que fizemos para a proveniência de uma parte do material do Gabinete de Física permite-nos extrapolá-lo para o material deste Gabinete, nomeadamente para o espólio do seu *Museu de História Natural*. É essa igualmente a opinião do seu actual responsável, Dr. Félix José da Silva. Uma parte significativa desse espólio teria vindo do Colégio de S. Fiel. Opinião tanto mais fundamentada se tivermos em consideração que duas peças notáveis (*os herbários* e dois dos animais embalsamados: um falcão jovem, juntamente com o chamado "melro das rochas") ostentam essa proveniência

e estão no inventário de 1946 com a vaga designação de "Veio do edifício velho" (caso dos herbários), "Veio do edifício velho" (caso dos falcões).

Uma curiosa peça (um falcão jovem comendo um melro das rochas) veio, sem dúvida, de S. Fiel. Assente numa base de cortiça, possui a seguinte inscrição: "*Menino Affonso Galvão Canhete de Castro Alunno N.º 63 do Collegio de S. Fiel*".

Embora saibamos que uma parte do espólio de S. Fiel foi doado à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (caso de alguns herbários, por exemplo), é de presumir que muitos dos animais embalsamados, dos modelos de flores e frutos, de amostras de minerais e alguns aparelhos, tivessem vindo do laboratório e museu do antigo Colégio de jesuítas.

O padre Cândido Mendes de Azevedo, na sua obra já anteriormente citada, ao insurgir-se contra a avaliação feita por Ramos Preto ao ensino ministrado em S. Fiel, escreveu:

"Não se atreveu o relator a taxar também de errado, deficiente e incompleto o ensino das sciencias em S. Fiel. Já é para agradecer! Ainda assim, a unica vantagem que reconhece, é a material do gabinete, laboratório e museu".³¹

E mais adiante interroga:

"E nada diz o Sr. Ramos Preto dos estudos feitos pelos professores em todos os ramos das sciencias naturaes? Não viu, e fez ver aos seus amigos, as collecções botanicas e entomologicas que eles formaram com tantas despesas e suores?"

31 - Cândido Mendes de Azevedo, *ob. cit.*, p. 68.

Provenientes do velho Liceu, e actualmente à guarda do Museu Académico, existem vários aparelhos que, sem dúvida, vieram de S. Fiel. Entre eles reconhecemos algumas das peças que são referidas e que se encontram fotografadas no artigo do Padre C. Zizermann, publicado na Brotéria em 1902, e por ele utilizadas nas suas aulas em S. Fiel. Entre elas contam-se:

- 3 microscópios
- Aparelho maior de Abbe
- Prancheta para trabalhos gráficos das observações microscópicas.
- 6 provetas de barro
- Micrótopo automático de sistema Schantze
- Frasco lavador (empregue na lavagem e remoção do fixador das preparações)

Para além da sua beleza, são peças de uma extrema originalidade e prova concludente do bom apetrechamento dos laboratórios de S. Fiel, o que possibilitava a investigação por parte dos seus docentes e o que permitia aos seus jovens alunos do início do século a iniciação na prática da observação científica e a formação de um olhar interrogativo sobre o mundo.

Em boa hora entrou o material pedagógico dos laboratórios de Ciências de S. Fiel no antigo Liceu de Castelo Branco. Pelos primeiros anos do século XX, foi no posto meteorológico, montado com o material de S. Fiel e instalado junto ao Liceu (então a funcionar no antigo Paço Episcopal), que este estabelecimento de ensino, retomando o lugar desempenhado pelo Colégio de S. Fiel, continuou a

recolha de dados sobre as condições atmosféricas que proporcionava informações sobre o clima da região da Beira. Este posto meteorológico continuava a ser o único posto existente na área compreendida entre Manteigas e Campo Maior.

Os jornais da época fazem eco das informações recolhidas. Retirado do jornal *A Pátria Nova*, foi este o registo de um dia da Primavera albicastrense de 1915:

"Pelo Liceu

Leitura 9 horas da manhã	Temperatura		
	Pressão	Máx.	Min.
6.ª feira, 3	773,37	13,2	3,7
Sábado, 4	774,14	18,6	5,6
Domingo, 5	770,79	19,1	9,1
2.ª feira, 6	765,20	14,5	7,5
3.ª feira, 7	767,19	14,0	5,7
4.ª feira, 8	767,18	16,7	9,1
5.ª feira, 9	768,99	14,1	9,0

A Pátria Nova, 9 de Abril de 1915"

Neste fim de século, pelo empenhamento e devotada sensibilidade pedagógica para lidar com adolescentes de um professor da actual Escola Secundária de Nuno Álvares, o Dr. Félix José da Silva, os velhos animais do Museu de História Natural de S. Fiel ganharam uma nova vida. Jovens estudantes de Ciências limpavam e reconstituíram, com

minúcia e cuidado, alguns dos belos exemplares de S. Fiel mais danificados pelo passar dos anos. O Museu de História Natural e o respectivo material do antigo Colégio de jesuítas do Louriçal do Campo continuam, pois, no limiar deste século, a desempenhar aqui, nesta região do interior português, um importante papel pedagógico.

registos de um dos primeiros albacanos de 1915:
 "Pelo facto de se encontrar..."

Lectura 9 novae de manna		Temperatura	
Tempo	Tempo	Tempo	Tempo
07.15	10.15	10.15	10.15
08.15	11.15	11.15	11.15
09.15	12.15	12.15	12.15
10.15	13.15	13.15	13.15
11.15	14.15	14.15	14.15
12.15	15.15	15.15	15.15
13.15	16.15	16.15	16.15
14.15	17.15	17.15	17.15
15.15	18.15	18.15	18.15
16.15	19.15	19.15	19.15
17.15	20.15	20.15	20.15
18.15	21.15	21.15	21.15
19.15	22.15	22.15	22.15
20.15	23.15	23.15	23.15
21.15	24.15	24.15	24.15
22.15	25.15	25.15	25.15
23.15	26.15	26.15	26.15
24.15	27.15	27.15	27.15
25.15	28.15	28.15	28.15
26.15	29.15	29.15	29.15
27.15	30.15	30.15	30.15
28.15	31.15	31.15	31.15
29.15	32.15	32.15	32.15
30.15	33.15	33.15	33.15
31.15	34.15	34.15	34.15
32.15	35.15	35.15	35.15
33.15	36.15	36.15	36.15
34.15	37.15	37.15	37.15
35.15	38.15	38.15	38.15
36.15	39.15	39.15	39.15
37.15	40.15	40.15	40.15
38.15	41.15	41.15	41.15
39.15	42.15	42.15	42.15
40.15	43.15	43.15	43.15
41.15	44.15	44.15	44.15
42.15	45.15	45.15	45.15
43.15	46.15	46.15	46.15
44.15	47.15	47.15	47.15
45.15	48.15	48.15	48.15
46.15	49.15	49.15	49.15
47.15	50.15	50.15	50.15
48.15	51.15	51.15	51.15
49.15	52.15	52.15	52.15
50.15	53.15	53.15	53.15
51.15	54.15	54.15	54.15
52.15	55.15	55.15	55.15
53.15	56.15	56.15	56.15
54.15	57.15	57.15	57.15
55.15	58.15	58.15	58.15
56.15	59.15	59.15	59.15
57.15	60.15	60.15	60.15
58.15	61.15	61.15	61.15
59.15	62.15	62.15	62.15
60.15	63.15	63.15	63.15
61.15	64.15	64.15	64.15
62.15	65.15	65.15	65.15
63.15	66.15	66.15	66.15
64.15	67.15	67.15	67.15
65.15	68.15	68.15	68.15
66.15	69.15	69.15	69.15
67.15	70.15	70.15	70.15
68.15	71.15	71.15	71.15
69.15	72.15	72.15	72.15
70.15	73.15	73.15	73.15
71.15	74.15	74.15	74.15
72.15	75.15	75.15	75.15
73.15	76.15	76.15	76.15
74.15	77.15	77.15	77.15
75.15	78.15	78.15	78.15
76.15	79.15	79.15	79.15
77.15	80.15	80.15	80.15
78.15	81.15	81.15	81.15
79.15	82.15	82.15	82.15
80.15	83.15	83.15	83.15
81.15	84.15	84.15	84.15
82.15	85.15	85.15	85.15
83.15	86.15	86.15	86.15
84.15	87.15	87.15	87.15
85.15	88.15	88.15	88.15
86.15	89.15	89.15	89.15
87.15	90.15	90.15	90.15
88.15	91.15	91.15	91.15
89.15	92.15	92.15	92.15
90.15	93.15	93.15	93.15
91.15	94.15	94.15	94.15
92.15	95.15	95.15	95.15
93.15	96.15	96.15	96.15
94.15	97.15	97.15	97.15
95.15	98.15	98.15	98.15
96.15	99.15	99.15	99.15
97.15	100.15	100.15	100.15

Suporte Bibliográfico

AZEVEDO, Cândido Mendes de, *O collegio de S. Fiel Resposta ao Relatorio do Advogado Sr. José Ramos Preto*, Madrid, Imprenta de Gabriel López del Horno, 1911.

AZEVEDO, L. Gonzaga de, *Proscritos*, Bruxelas, E. DAEM, 1914.

LAGES, Antonio Mendes, *O Sr. Marianno de Carvalho e o Collegio de S. Fiel*, Lisboa, Typographia da Cruz do Operario, 1883.

MONCADA, Luís Cabral de, *Memórias, Ao Longo de Uma Vida (Pessoas, factos, ideias) 1888-1974*, Lisboa, Editorial Verbo, 1992.

MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Casa Paulino Ferreira, Filhos Lda, 1950.

SÁBATO, Ernesto, *Correio da Unesco*, Agosto de 1990.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol 1.º-1902, Lisboa, Papelaria-LA BÉCARRE, 1902.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol III,- 1904.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol 4.º -1905. Lisboa, Papelaria-LA BÉCARRE, 1905.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol VII, S. Fiel, 1908.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol VIII, S. Fiel, 1908.

Brotéria, Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel, Vol VIII, S. Fiel, 1909.

Noticias da Beira n.º 375 (21 de Janeiro de 1912), "O Colegio de S. Fiel e a «Caveira de burro»".

Noticias da Beira, "Os jesuitas de S. Fiel" (21 de Julho de 1911).

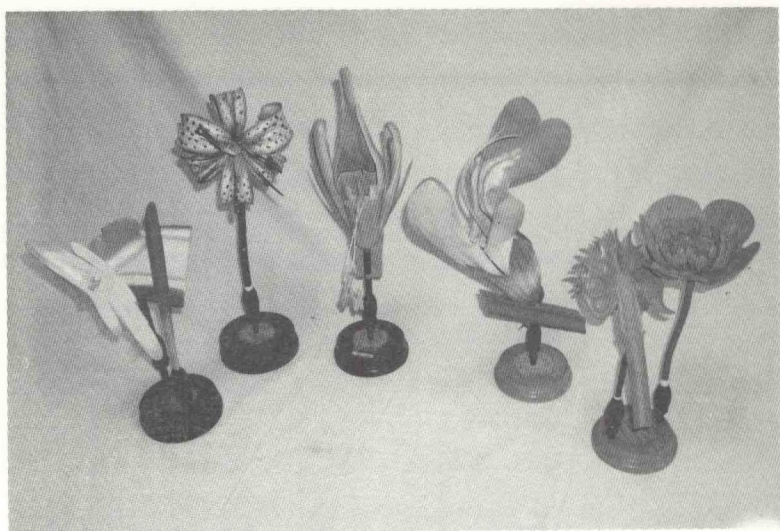
A Pátria Nova, n.º 170 (9 de Abril de 1915).

Fontes manuscritas:

Liceu Central de Nun' Alvares, 2.º Inventário para o ensino da Geografia e História, Castelo Branco, 31 de Julho de 1927.

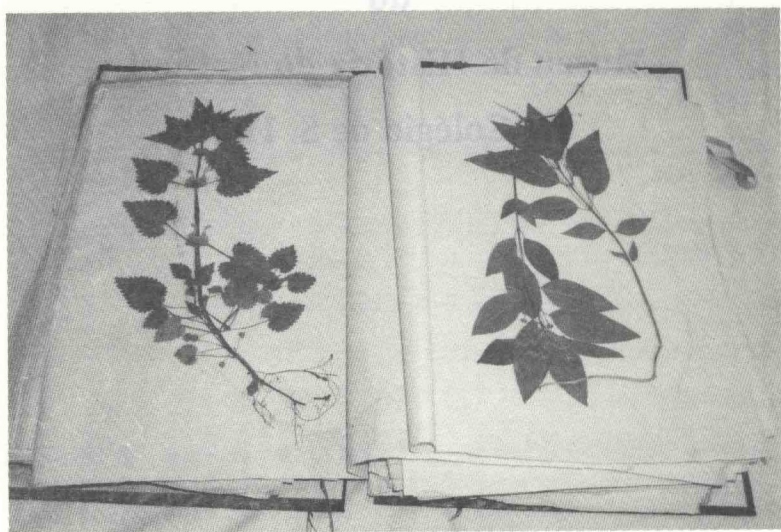
Relação nominal do espólio do museu de História Natural da Escola Secundária de Nuno Álvares, proveniente do "Liceu Velho", em 1946.

Mobiliário e alguns materiais didáticos
do
Museu de História do Natural
do Colégio de S. Fiel

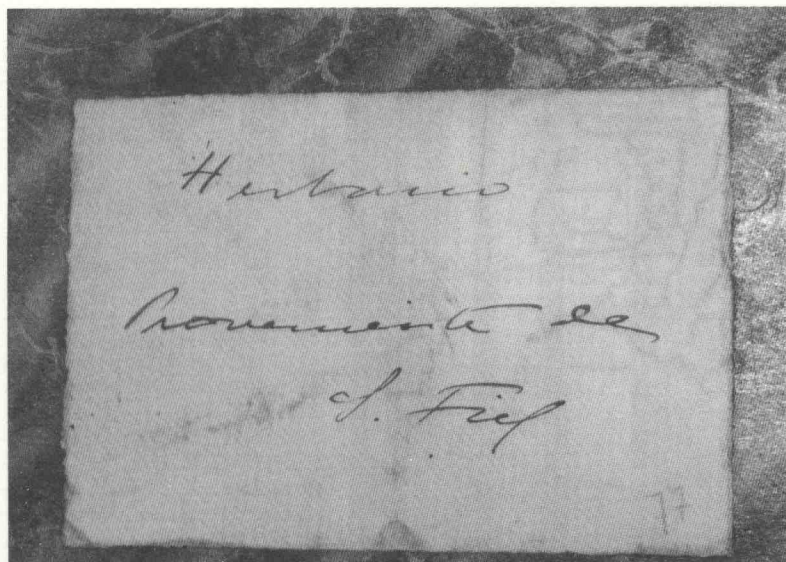


3 – Modelos de Angiospérmicas do século XIX. (Museu da Escola Secundária de Nuno Álvares; proveniente do Museu de História Natural do Colégio de S. Fiel).

Da esquerda para a direita: *Secale cereale* L. – Espécie: Gramíneas; *Lilium martagou* L. – Espécie: Liliaceae; *Salvia officinalis* L. – Espécie: Labiatae; *Hordeum distichum* L. Gramineae; *Rannuncullus acer* L., Rannunculaceae.



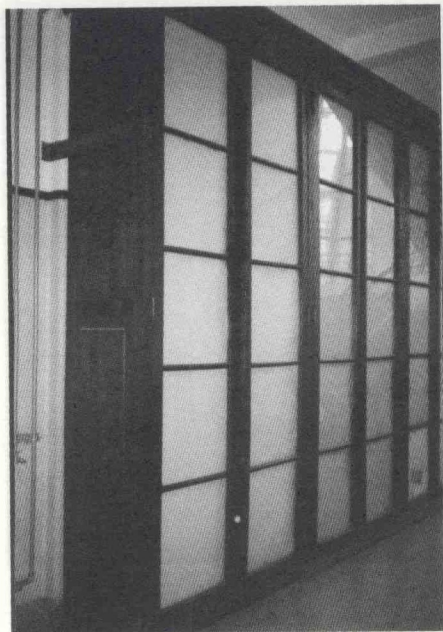
4 – Urtiga (*Urtica* L.) Página de um dos herbários provenientes do Colégio de S. Fiel.



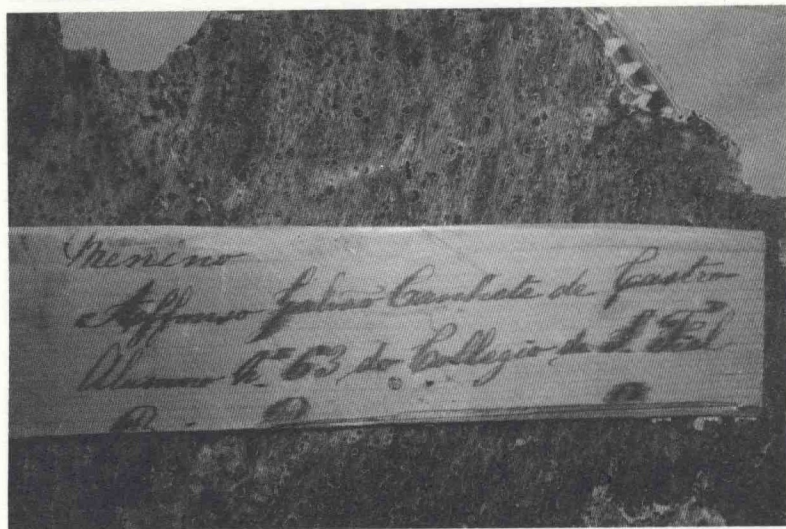
7 - Capa de um dos Herbários existentes no actual Museu da Escola Secundária de Nuno Álvares. A legenda diz: *Herbario Proveniente de col/ S. Fiel.*



8 - Nome vulgar: *Coruja das Torres* - Espécie: *Tyto celba*.



9 - De grande altura, mas com uma proporcionalidade estreita e elegante, este armário, colocado num dos corredores de acesso ao Museu da Escola Secundária de Nuno Álvares, pertenceu ao Colégio de S. Fiel. De grande funcionalidade, nele se guardam ainda, tal como em finais do século passado, amostras de vários minerais.



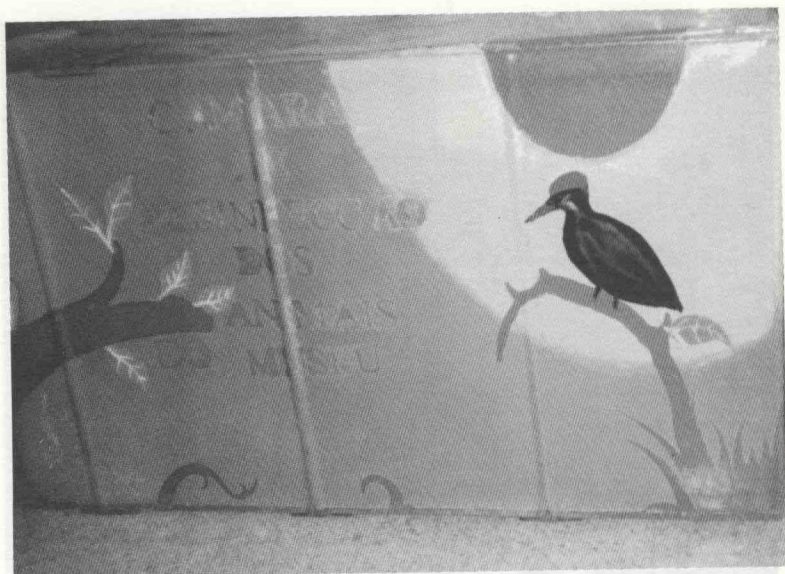
10 - Base do animal Falcão jovem. Esta peça tem a originalidade de estar identificada. Possui a seguinte identificação: "Affonso Galvão Canhete de Castro" aluno Nr.º 63 do Collegio de S. Fiel.



13 - Em pinho, não sangrado, esta bela vitrina possuidora da pátina dada pelo rodar dos anos, e onde hoje se alberga o pavão real, pertencia ao Museu de História Natural do Colégio de S. Fiel.



11 - Interior do armário da figura, mostrando o modo como se arrumava em caixas, que se sobrepunham umas às outras, o material pedagógico. Neste caso, originais e raros modelos cristalográficos em vidro.



14 - Câmara de Desinfecção (século XIX), de apoio ao Museu de História Natural, proveniente do Colégio de S. Fiel. Sobre a chapa zincada, os alunos dos finais do século XX realizaram pinturas de pássaros e de árvores. O material do antigo Colégio de Jesuítas de S. Fiel não perdeu nem a sua funcionalidade nem a sua função pedagógica.

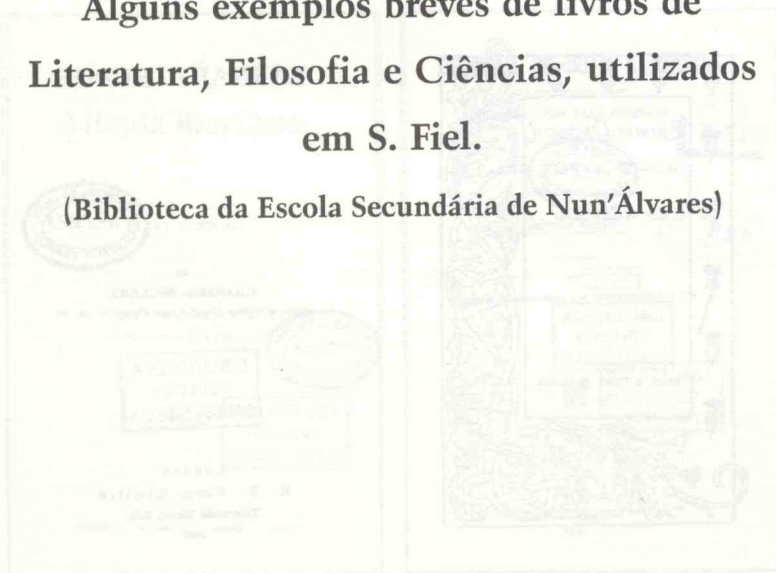


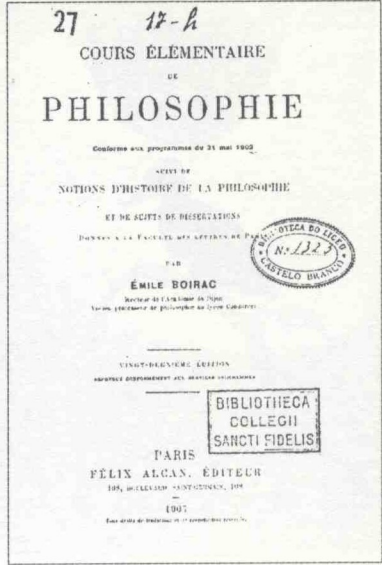
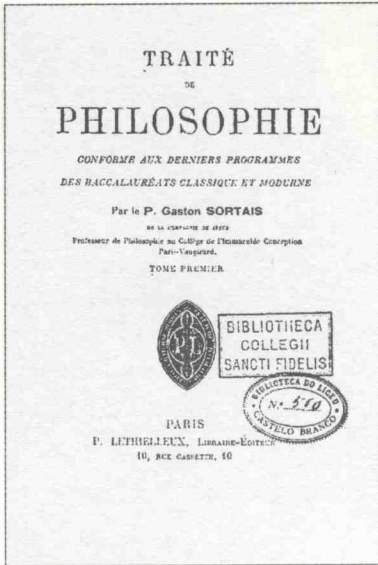
14 - Grafómetro.



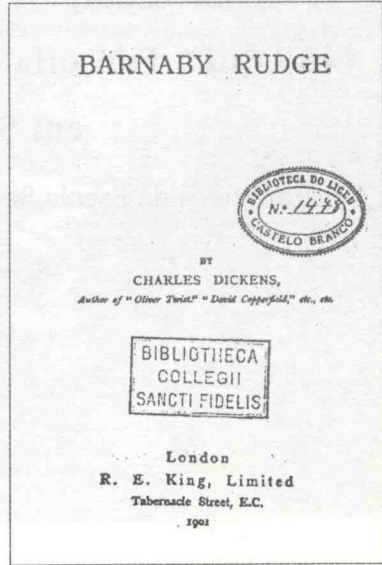
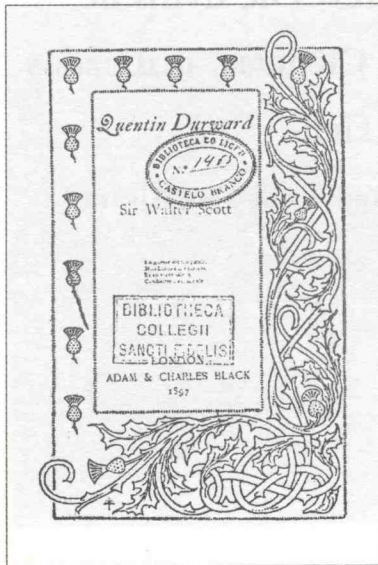
**Alguns exemplos breves de livros de
Literatura, Filosofia e Ciências, utilizados
em S. Fiel.**

(Biblioteca da Escola Secundária de Nun'Álvares)






Tratado de Filosofia usado em S. Fiel e referido por Cabral de Moncada.



THE
POETICAL WORKS
OF
ALEXANDER POPE,




BIBLIOTHECA
COLLEGI
SANCTI FIDELIS

WILLIAM P. M. CO.
LONDON AND EDINBURGH.
1877.

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

HYSSOPE
POEMA
HEROI-COMICO EM 8 CANTOS
POR
ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA
COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUTOR
II.ª SERIE -- BUREAU 44

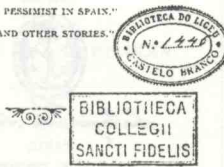


LISBOA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Successores de DAVID CHALZI e JUSTINO GOMES
40 — Rua da Atalaya — 52
FILIAES: Praça de S. Pedro, 127, 1.º andar, PORTO
30, rua da Quitanda, Rio de Janeiro
1889

A Harp Of Many Chords.

BY
MARY F. NIXON.

AUTHOR OF
"WITH A PESSIMIST IN SPAIN."
"LASCA AND OTHER STORIES."



BIBLIOTHECA
COLLEGI
SANCTI FIDELIS


S. HERDER,
SAINT LOUIS.
FRANCO. STRASBURG. MUNICH. VIENNA.

RELAÇÃO DO NOVO CAMINHO
QUE FIZ POR TERRA E MAR.
VINDO DA INDIA PARA PORTUGAL.
NO ANNO DE 1663.

O PADRE MANUEL GODINHO
DA COMPANHIA DE JESUS.

SEGUNDA EDIÇÃO.

PUBLICADA
PELA
SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTIS.




BIBLIOTHECA
COLLEGI
SANCTI FIDELIS

LISBOA.
Typographia da Bibliotheca Propagadora dos Conhecimentos Utis
Largo de S. Domingos, N.º 24.
1812.

L'ORDRE
DU
MONDE PHYSIQUE
ET SA
CAUSE PREMIÈRE
D'APRÈS LA SCIENCE MODERNE

PAR
M. L. DE SAINT-ALLIER

TROISIÈME ÉDITION



PARIS
MAISON DE LA BONNE PRESSE
8, rue Beaunoir, P. S.

BIBLIOTHECA
COLLEGI
SANCTI FIDELIS

TRAITÉ
DE PHYSIQUE
THÉORIQUE ET EXPÉRIMENTALE
AVEC LES APPLICATIONS
À LA MÉTÉOROLOGIE ET AUX ARTS INDUSTRIELS

PAR
P. A. DAGUIN


QUATRIÈME ÉDITION

Paris et Toulouse
LIBRAIRIE DE LA BIENNAISE | P. PONS, LIBRAIRE-ÉDITEUR
1878

TOME PREMIER

1878

Tous droits réservés



Collegio de S. Fidel. 32

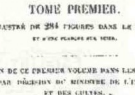
**COURS
DE PHYSIQUE**
DE
L'ÉCOLE POLYTECHNIQUE,

PAR M. J. JAMIN,

TROISIÈME ÉDITION.
TOME PREMIER.

PARIS,
GAUTHIER-VILLARS, IMPRIMEUR-LIBRAIRE

1874



BIBLIOTHECA DO LICEU
CASTELO BRANCO
No. 184

Collegio de S. Fidel.


LA
CHALEUR,
MODE DE MOUVEMENT;

PAR
JOHN TYNDALL, F.R.S.

PAR M. LABRÉ MOIGNO

PARIS,
GAUTHIER-VILLARS, IMPRIMEUR-LIBRAIRE

1881



BIBLIOTHECA DO LICEU
CASTELO BRANCO
No. 806

Collegio de S. Fidel.

TRAITÉ
D'ANALYSE CHIMIQUE
QUALITATIVE

Des manipulations et opérations élémentaires, des réactifs et de leur action sur les corps les plus répandus
Donné en conclusions, méthode des essais préliminaires, des essais minutés et des tests, des réactifs, etc.
Recherches chimiques légères, analyses spéciales

R. FRESenius

PROFESSEUR DE CHIMIE A L'UNIVERSITÉ DE WISMAR

NEUVIÈME ÉDITION FRANÇAISE

MÉTHODE D'APRÈS LA SEIZIÈME ÉDITION ALLEMANDE

LE D^r L. GAUTIER

AVEC FIGURES DANS LE TEXTE
ET EN TABLEAU COLORIS D'ANALYSE DIRECTE

Coll^e de S. Fiel

PARIS
MASSON ET C^o, ÉDITEURS
LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
119, BOULEVARD SAINT-JACQUES

1897



LEÇONS ÉLÉMENTAIRES
DE
CHIMIE MODERNE

M. AD. WURTZ

PROFESSEUR AU LYCÉE

DE CHIMIE À LA FACULTÉ DE SCIENCES
DE STRASBOURG



QUATRIÈME ÉDITION, REVUE ET AUGMENTÉE
AVEC 120 FIGURES DANS LE TEXTE

Coll^e de S. Fiel

PARIS

G. MASSON, ÉDITEUR

LIBRAIRE DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
119, BOULEVARD SAINT-JACQUES

1897

Tout droits réservés

HERPETOLOGIA EUROPAEAE.

LIXE

SYSTEMATISCHE BEARBEITUNG

DES

AMPHIBIEN UND REPTILIEN,

WASCHE

WELCHE IN EUROPA AUFGEFUNDEN SIND.

COLLEGIO DE S. FIEL

ELEMENTOS
DE
BOTANICA

PRIMEIRO

DR. J. D. HOOKER

COMPARTEIRO DE VIAGROS DE VIAGEM
PROFESSOR NA ESCOLA POLITECHICA DO RIO DE JANEIRO

TRANSLIZADO DA 3.^a EDIÇÃO INGLEZA

COM ADICIONIS DO AUTOR

PRIMEIRO

JULIO A. HENRIQUES

LEITEIRO CULTURAL DO INSTITUTO DE CIENCIAS DE OBERLIN
E DIRECTOR DO JORNAL AGRICOLA DO BRASIL

1.^a EDIÇÃO PORTUGUEZA

COM AS ANADICIONIS DO AUTOR

Coll^e de S. Fiel



LIVRARIA MORE

DE FRANCISCO DE SILVA BENTO - EDITOR
RUA DO OURO, 119

1877

A Astronomia no Colégio de S. Fiel no início do século

(O Eclipse total do Sol de 30 de Agosto de 1905)

“Que o Universo forneça à nossa
contemplanção os seus símbolos e as formas de
toda a Harmonia e de toda a Beleza.”

P. Pierre Theilhard de Chardin, *Hino do Universo*

O fascínio que os antigos objectos desprendem está na base desta reflexão. Durante anos, guardada num estojo de madeira, existiu no Gabinete de Geografia do Liceu de Castelo Branco, actual Escola Secundária de Nuno Álvares, uma antiga luneta astronómica. Verdadeira peça museológica, pela nobreza dos materiais e pela beleza das linhas, dela brotava aquele atracção quase mágica que os objectos do passado sobre nós exercem.

Tratava-se de uma peça proveniente do antigo Colégio de S. Fiel. E era-me grato imaginar o deslumbramento extasiado que as estrelas vistas através desta luneta poderiam ter provocado em quem, no início do século, observava pelas noites o céu em Louriçal do Campo.

Imaginava o quanto, sem as ofuscantes luzes dos nossos dias, o brilho das estrelas deveria ser maravilhosamente intenso na limpidez dos céus da Guardunha.

As observações astronómicas praticavam-se, pois, no Colégio de S. Fiel.

Quando um dia, na Biblioteca do Liceu, me veio parar às mãos um pequeno livro intitulado *O eclipse total do Sol/ No dia 30 de Agosto de 1905/Observações/Feitas pelas comissões das/Academias Scientificas dos Collegios de S. Fiel e Campolide*, a associação desta publicação à luneta foi imediata. Tratava-se do relatório de uma expedição científica a Espanha, para a observação de um eclipse total do Sol.

O comentário que se segue constitui o fruto da sua leitura.

Ainda no enquadramento daquilo que para Sábado deverá ser a educação dos nossos tempos (o ensinamento do saber maravilhar-se, aliando Ciência e Poesia, e a valorização da aprendizagem através da participação e da descoberta), certas passagens de uma pequena brochura intitulada **O eclipse total do Sol/No dia 30 de Agosto de 1905/Observações/Feitas pelas comissões das/Academias Scientificas dos Collegios de S. Fiel e Campolide** e editada nesse mesmo ano, manifestam, nas vivências que orientaram os trabalhos dessas Academias há quase um século, uma consonância perfeita com aquelas directrizes.

Em 1905, uma comissão composta por professores dos Colégios de S. Fiel e de Campolide e, ainda, de um outro colégio que os jesuítas possuíam em Setúbal, deslocou-se com um grupo de alunos a Espanha para aí observar um eclipse total do Sol que ocorreria em 30 de Agosto desse ano. Os objectivos dessa deslocação são expressos na dedicatória do pequeno livro ao Príncipe Regente D. Luís Filipe:

“Contribuir com o humilde quinhão das nossas observações pessoais para enriquecer o arquivo dos conhecimentos empíricos sempre importantes quando se trata de um fenómeno tão circunscrito no tempo e no espaço”.

O grupo de S. Fiel fixou-se em Palência. Para Tortosa deslocou-se o grupo de Campolide. E para Burgos uma comissão mista das Academias de S. Fiel e de Campolide.

Innumerações minuciosas do estado do tempo, da temperatura do ar, dos efeitos dos eclipses no comportamento dos animais, do cone de sombra – tudo foi registado, anotado, descrito, fotografado e desenhado. Para dar a medida da pormenorizada preparação das observações deste grupo de astrónomos amadores, apenas um exemplo no que se refere aos registos fotográficos. Em três aspectos fundamentais se centravam esses registos: – fotografias da coroa, – fotografias do espectro ondulante, – fotografia do espectro da coroa.

Para a obtenção das duas primeiras foram utilizadas as câmaras com objectivas e um óculo astronómico a que se adaptou uma câmara fotográfica especial. Para a fotografia do espectro mandaram construir, de propósito, e em Paris, um espectógrafo Tallent de maiores dimensões do que a daqueles que usualmente se construam. A câmara escura media um metro de comprimento, permitindo obter uma série de fotografias espectrais de 17 cm de extensão na parte visível do espectro.

O empenho nos registos espectrográficos prendia-se com a obtenção de uma fotografia do espectro da coroa de

molde a comprovar “por este processo objectivo” a existência da risca verde. Com esta finalidade criaram todas as condições de modo a serem tiradas na mesma chapa fotografias do espectro solar antes e depois da totalidade do eclipse, e, durante a totalidade, uma fotografia do espectro da coroa. Para isso deram ao aparelho movimento equatorial tomando uma importante precaução destinada a minimizar a característica excessivamente ténue da luz da coroa, que consistiu na adaptação, à devida distância da fenda do espectrógrafo, de uma lente plana cilíndrica que concentrasse toda a luz da coroa nessa mesma fenda.

As razões que nortearam a construção de um espectrógrafo especial e a aplicação de toda esta minuciosa técnica de observação prendiam-se com a tentativa de se obterem registos espectrográficos precisos, registos que, como se afirma no relatório e já anteriormente se transcreveu, permitissem “a comprovação por um processo objectivo da existência da risca verde”.

Ora, esta pequena justificação abre caminho a duas questões diferentes mas que, qualquer que seja a resposta a uma ou a outra, colocam a investigação e a prática pedagógica no domínio da astronomia desenvolvidas no Colégio de S. Fiel, no início do século XX, em perfeita consonância com as correntes e as linhas de investigação científica da Europa da época.

Que “risca verde” seria esta?

A comprovação científica da existência do mítico *raio verde* que a literatura romântica, recuperando as velhas lendas, havia divulgado pela Europa durante o século XIX?

Uma lenda nascida na Escócia afirmava que o sol, às horas crepusculares, emitia, por instantes breves, um raio verde. Quem o visse, afirma a lenda, conquistaria a felicidade eterna.

Alicerçar-se-ia a preocupação de se conseguirem registos objectivos que, seguindo as regras ditadas pelo positivismo lógico, o que possibilitassem a obtenção de provas para a desmistificação desta lenda?

Estávamos no início do século XX e misteriosa era ainda a compreensão de muitos fenómenos. Ora, só tempos mais tarde, o desenvolvimento da ciência meteorológica permitiu a apreensão do papel da atmosfera terrestre na alteração da cor da luz solar. Funcionando como um prisma de vidro, a atmosfera terrestre desvia, encurvando-as, diferentemente, cada uma das radiações electromagnéticas emitidas pelo Sol, segundo o seu comprimento de onda. O valor desse desvio é, pelos nossos olhos, apreendido como uma cor diferente.

Na proximidade do horizonte, ao nascer e ao pôr do sol, o desvio é máximo. A radiação vermelha é a menos desviada, seguindo-se o laranja, depois o amarelo, o verde, o azul, o indigo e, finalmente, o violeta.

O brilho ofuscante do Sol não permite a percepção deste desvio. Acontece, no entanto, que às horas do sol poente as radiações azuis, indigo e violeta, por serem as mais

largamente difundidas pela atmosfera, desaparecem. Igualmente, mas por acção da absorção provocada pelo vapor de água existente no ar, desaparecem, ao pôr do Sol, as radiações laranja e amarelo. Deste modo, da fulgurante e diversa cor da luz solar apenas **resta** sobre o horizonte um disco de luz verde **sobrepondo-se ao** disco vermelho do Sol. Por todas estas razões, em certas circunstâncias, quando o disco solar mergulha no horizonte, devolvendo aos nossos olhos ofuscados um pouco de sensibilidade, pode, por instantes breves e efémeros, tornar-se visível um último raio verde.

O fenómeno é muito rápido e fugaz e somente apreensível quando se conjugam duas condições: céu luminoso e límpido (situação meteorológica desencadeada pela presença de um anticiclone que, provocando a descida do ar, aumenta a massa atmosférica, determinando uma maior curvatura dos raios) e um horizonte plano e longínquo. Sobre o mar o raio verde tem sido maior número de vezes observado.

O raio verde não é, pois, um mito...

Mas outra, e talvez mais provável, poderá ser a razão que movia a tentativa da comprovação da risca verde.

Desde os meados do século XIX, sob o impulso dos estudos levados a cabo por um professor da Universidade de Heidelberg, Robert Bunsen, que a luz se revelara um precioso utensílio de análise química. Assim, Bunsen, conjuntamente com Gustav Kirchhoff, professor de física

também em Heidelberg, decidiu comparar o espectro solar com os espectros emitidos pela luz de alguns elementos que o referido Bunsen havia fotoquimicamente identificado (o sódio, o lítio e o potássio). Cada elemento possui, pois, "uma assinatura espectral", para usar uma feliz expressão de Máximo Ferreira.

Essas observações experimentais acabaram por fornecer uma prova observável da estrutura química e física do Sol. Numa cadeia que se sucedeu no tempo, e pelas análises espectrais que se descobriram os elementos que compõem o Sol.

Ora, através dos séculos, foi por ocasião dos eclipses totais (únicos momentos possíveis em que as regiões externas da nossa estrela podiam ser observadas) que se obtiveram dados que permitiram importantes descobertas sobre a estrutura e a composição do Sol.

Assim, por exemplo, em 1851, por ocasião de um eclipse total do Sol na Europa do Norte, realizou-se a primeira visualização fotográfica das protoberândias solares; e, durante o eclipse de 1868, aquando da realização do primeiro espectro das proteberândias, Janssen e Lockey detectaram um elemento desconhecido que viria a ser designado por *hélio*, palavra derivada do nome grego para Sol: *hélíos*.

No caso concreto do objectivo das observações relatadas neste relatório, prender-se-iam os cuidados que rodariam a obtenção de dados que comprovassem a existência da risca verde com a identificação de mais um elemento no Sol cuja

“assinatura espectral” fosse a cor verde?

No âmbito desta reflexão, uma maior relevância deverá ser dada à descrição da coroa solar feita pelo grupo de S. Fiel, não só pelo seu recorte literário, onde poesia e ciência se cruzam, mas sobretudo pelo que revela dessa atitude “do saber maravilhar-se”, cara ao físico e escritor argentino Ernesto Sábato.

Instalado o grupo num monte fronteiro à cidade de Palência, onde se situava um santuário conhecido por Cristo del Otero, teceu o grupo a seguinte descrição:

“(…) O vasto panorama que se descortinava de cima *del Otero* mudara também de aspecto, ficando com uma cor acinzentada, triste, indescritível. Em volta de nós esvoaçavam já as mariposas. A luz diminuía rapidamente, o ténue filete do Sol, ainda não de todo coberto pela Lua, minguava, (...) O último raio de luz parecia animado de um rapidíssimo movimento giratório.

A cena muda num momento; a animação é grande, de tódas as partes se exclama-la corona! e para ella convergem tódas as atenções e olhares.

Ante a belleza extraordinária d’esse fenómeno, o espírito extasia-se e naturalmente se eleva ao Creador, e ao mesmo tempo sente-se dominado pelo sentimento da própria pequenez.

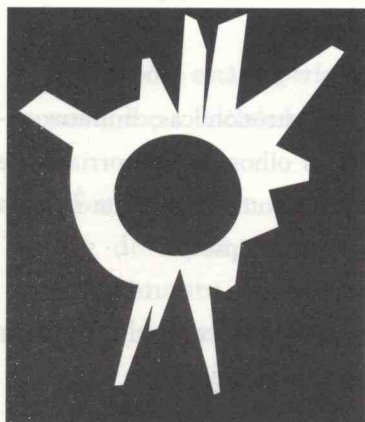
O espectáculo é com effeito arrebatador e de modo algum póde ser descripto. Imagine-se um collar de focos brilhantíssimos de magnésio ou de immensos arcos voltaicos a aureolar o disco nêgro da Lua, d’onde irradiam, em tódas as direcções, feixes de luz, que estão variando continuamente e se esbatem no céu nublado em cambiantes de luz inexprimíveis, e tem-se uma pálida imagem do que foi a côroa solar. (...)”

Um interesse não menor possuem as passagens dedicadas aos resultados da comissão de S. Fiel e de Campolide que se fixou em Burgos. Eram objectivos dessa comissão, além do registo das condições meteorológicas, o estudo da coroa solar, encarregando-se uns observadores de fotografarem a coroa e outros de elaborarem o seu desenho. Como Burgos se localizava quase no centro da zona onde o eclipse era total, acorreram aí comissões de quase todos os países da Europa ocidental. Compunham as comissões desses países ou oficiais do exército ou astrónomos dos observatórios de Londres, Paris, Bordéus, Postsdam, Madrid, e da Sociedade Belga de Astronomia. A comissão do observatório de Paris era formada por vinte astrónomos, entre os quais o físico Jean Becquerel.

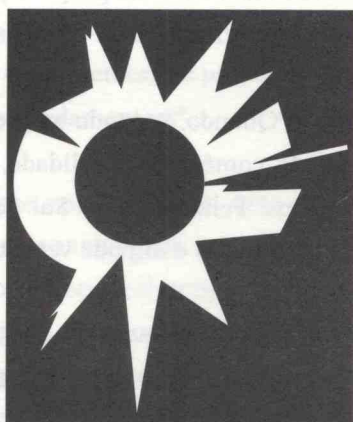
Importância redobrada adquire, pois, o facto de Portugal estar aqui representado por professores e alunos de dois colégios, um dos quais instalado na Beira Interior. Dois pormenores significativos são de destacar. A orientação dos trabalhos dos desenhadores da coroa solar foi confiada a um dos membros da comissão belga, Eugène Spée (astrónomo de nomeada pelas suas ligações a Pietro Angelo Secchi, a quem se ficou a dever a primeira classificação das estrelas segundo o tipo do seu espectro). Curiosamente, entre os desenhos apresentados os que mereceram por parte do astrónomo belga elogios especiais foram o de um aluno do colégio de Campolide (um jovem de treze anos, José Adriano Pequito Rebelo, acerca do qual comentou: "Le Petit portugais a bien réussi"), e o de um professor do Colégio de S. Fiel, J. Geraldês, cujo desenho motivou a Spée a

observação seguinte:

“Ah! Le voilà! C'est parfait!”.



Desenho de Pequito Rebelo



Desenho do Prof. J. Geraldès

Extraído de *O eclipse total do sol/No dia 30 de agosto de 1905* [...]

Embora ambos os desenhos fossem nos seus pormenores basicamente concordantes, existiam neles ligeiras diferenças quer na forma, quer na orientação dos prolongamentos da coroa. A causa destas diferenças reside, segundo o relatório, “num engano angular na orientação do primeiro contorno”, explicada pela ansiedade gerada pela escassez de tempo de que se dispusera para o registo. O esclarecimento sobre qual deles exprimiria a mais exacta orientação dos raios da coroa obteve-se na comparação destes desenhos com os executados pelos aspirantes da marinha portuguesa que registaram o eclipse a bordo da fragata Duque da Terceira, e com os desenhos da comissão americana fornecidos ao Observatório da Tapada. Por esta comparação se concluiu que o desenho mais exacto fora o do jovem Pequito Rebelo.

No relato que o mesmo jovem faz dos seus trabalhos e das suas impressões, alguns aspectos são dignos de evidência: 1.º – a preparação para o trabalho que lhe tinha sido destinado, e lê-se no seu relatório:

“Quando, segundo as prescripções astronómicas, minutos antes do comêço da totalidade, vendei os olhos, o Sol corria entre nuvens. Felizmente ao Sul depois d’esta começar formou-se uma grande aberta e aí pude ver a totalidade do eclipse”;

2.º – a relevância dos dados nesse espectáculo invulgar e magnífico que mais lhe captaram a atenção:

“Ao Sul rompem dois grandes raios coroneas, que separados dos outros por duas porções de corôa sem prolongamentos sensíveis, me prenderam mais a atenção”;

3.º – a minúcia da descrição de certos pormenores:

“Na base do raio coronal de Nordeste marquei no meu esbôço um poncto branco representando um poncto muito vivo e brilhante de luz branca que, tendo apparecido com o comêço da totalidade, desapareceu pouco depois. No lado diametralmente oppôsto áquelle poncto, notei algum tempo depois do comêço da totalidade o apparecimento de um poncto semelhante que desapareceu com o terminar d’ella”.

Mas a última parte do relato, exactamente pelo que testemunha dos frutos de uma educação orientada para a formação de um espírito científico fundamentado no registo

rigoroso da observação precisa dos factos, dá-nos bem a medida pedagógica dos colégios da Companhia de Jesus. Foi deste modo que Pequito Rebelo terminou o seu relatório:

“O esboço está imperfeito; não o quis retocar de propósito para conservar-lhe a fidelidade dos traços fundamentaes”.

É uma atitude aparentemente contraditória, esta que o jovem de treze anos aqui expressa: por um lado, o reconhecimento da imperfeição do seu esboço; por outro, a recusa de nele realizar qualquer retoque susceptível de quebrar a fidelidade e precisão do registo dos factos que observara. Mas o seu relato deixa sobretudo transparecer uma esclarecida educação científica aliada a um olhar maravilhado sobre o mundo.

Bibliografia:

HERRMANN, Joachim, *Atlas de Astronomia*, Madrid, Alianza Editorial, 1984.

FERREIRA, Máximo, Almeida, Guilherme, *Introdução à Astronomia e às Observações Astronómicas*, Lisboa, Plátano Editora, 1997.

JAMES, Frank A. J. L., “Des éléments trahis par leurs spectres”, in *Les Cahiers de Science y Vie*, n.º 52, Agosto de 1999, pp. 6 - 15.

LANTOS, Pierre, “Les colères d’Hélios”, in *Hors - Série Sciences et Avenir* - Agosto 1996, pp. 30 - 33.

O eclipse total do sol. No dia 30 de agosto de 1905, Observações feitas pelas comissões das Academias Científicas de S. Fiel e Campolide, Lisboa, 1905.

PARISOT, Etienne, “Innombrables soleils”, in *Hors - Série Sciences et Avenir* - Agosto 1996, pp. 5 - 11.

REEVES, Hubert, *Um pouco mais de azul*, Lisboa, Gradiva, 1984.